



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- RÁDIO/TV**

ELISAMARA DA SILVA SANTOS

ALÉM DO CAMPO: MULHERES NAS ARQUIBANCADAS

**CONCEIÇÃO DO COITÉ
2024**

ELISAMARA DA SILVA SANTOS

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Comunicação Social - Rádio e TV, Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela em Comunicação Social.

Orientadora: Prof.^a Nisia Alejandra Rizzo

CONCEIÇÃO DO COITÉ

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

M838e

Santos, Elisamara da Silva

Além do campo: mulheres nas arquibancadas / Elisamara da Silva Santos. - Conceição do Coité, 2024.

35 fls : il.

Orientador(a): Nisia Alejandra Rizzo.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Comunicação Social - Rádio e Televisão)
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação.
Campus XIV. 2024.

1. História do futebol feminino e suas mídias. 2. Paixão e pertencimento. 3. Força feminina nas arquibancadas.

CDD: 398

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data da apresentação: 08/01/2025

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora (Orientadora) Prof.^a Dr.^a Nisia Alejandra Rizzo

Assinatura: _____

Professora Avaliadora: Prof.^a Dr.^a Hellen Campos Barbosa

Assinatura: _____

Professor Avaliador: Prof.^o Ms.^o Mauricio José Souza Amorim

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

A minha mãe,
razão da minha vida!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me sustentado durante todo esse processo, dando-me forças e renovando minha perseverança diariamente.

A minha mãe, Elisabete, meu grande amor e que foi/é meu maior apoio e suporte ao longo de todos esses anos, a quem dedico todos os dias da minha vida.

A Luan Santiago, meu parceiro de vida, que sempre me incentivou a alcançar voos maiores.

A minha família, por ter me motivado a todos momentos sem permitir que eu desistisse.

Aos meus amigos, que foram e permaneceram como minha rede de apoio desde o início até os últimos dias.

As minhas amigas Daiane Prazeres, Daiane Moreira e Mariana Lopes, que me estenderam a mão e embarcaram nesse processo comigo. Serei eternamente grata por todos os conselhos e incentivos.

A meu amigo e editor Nercles Mota, por ter sido um suporte fundamental para a conclusão deste documentário.

A minha orientadora, Nisia Rizzo, a quem dedico toda a minha gratidão pelo acolhimento, paciência e dedicação, pois, sem ela, eu não teria conseguido concluir esse processo.

Por fim, um agradecimento especial às vozes femininas presentes no documentário, especialmente Florizete Hermógenes, Noemia Menezes, Thayane Sampaio, Raiane Santos, Reylla Aparecida e Maria Gabriella Reis.

RESUMO

O documentário “Além do Campo: Mulheres nas Arquibancadas” explora as vivências de mulheres de diferentes idades em suas relações com o futebol e as arquibancadas. Guiado pelo amor ao esporte e experiências pessoais, o trabalho visa ouvir essas mulheres, destacando suas perspectivas, desafios e paixões, e celebrando a presença em um ambiente que frequentemente as invisibiliza. O filme documental busca inspirar diálogos sobre igualdade, representatividade e a força do feminino no futebol.

PALAVRAS CHAVE: Torcida organizada, Futebol, Feminino, Bahia.

ABSTRACT

The documentary “Beyond the Field: Women in the Stands” explores the experiences of women of different ages in their relationships with football and the stands. Guided by a love of sport and personal experiences, the work aims to listen to these women, highlighting their perspectives, challenges and passions, and celebrating their presence in an environment that often makes them invisible. The documentary film seeks to inspire dialogue about equality, representation and the strength of women in football.

KEYWORDS: Organized soccer fans, Football, Female, Bahia

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2. HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: MÍDIA E SEXUALIZAÇÃO.....	11
2.1 BREVE RESUMO SOBRE A HISTÓRIA	15
2.2 MULHERES DESAFIANDO ESTIGMAS	17
3. PAIXÃO INABALÁVEL: O FANATISMO NAS TORCIDAS ORGANIZADAS	22
3.1 A PAIXÃO PELO FUTEBOL.....	23
3.2 RELAÇÃO DE AFETO E TRADIÇÃO	26
4. FORÇA FEMININA NAS ARQUIBANCADAS: A REIVINDICAÇÃO PELO DIREITO DE TORCER	30
4.2 PRECONCEITO E MACHISMO NAS ARQUIBANCADAS	30
4.2 VIOLÊNCIA E ASSÉDIO	31
5. DOCUMENTÁRIO COMO REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL	34
6. DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DE PRODUÇÃO	37
6.1 PRÉ-PRODUÇÃO	37
6.2 PRODUÇÃO	38
6.2 PÓS-PRODUÇÃO	43
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE.....	54
ANEXOS.....	66

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse por este tema veio através das minhas vivências nas arquibancadas, da paixão pelo futebol e pelo Esporte Clube Bahia, surgindo assim à inquietação sobre a vivência das mulheres nas arquibancadas. Com isso, decidi produzir um filme documental com o intuito de ouvir essas mulheres torcedoras, e suas experiências durante toda essa trajetória no meio do futebol.

A luta das mulheres por oportunidade no meio esportivo, especificamente no futebol, sempre foi marcada por grandes desafios. Essa desigualdade é evidente na falta de reconhecimento, baixo investimentos e a ausência de mulheres na liderança dentro dos clubes. Apesar desses avanços, essas limitações evidenciam que ainda há um caminho a ser percorrido para que a presença feminina se torne ainda mais evidente e consolidada nos estádios.

A ocupação das mulheres nas arquibancadas vai muito além da presença física: ela representa de forma histórica a desigualdade de gênero, preconceito e machismo. Sendo assim, este trabalho busca refletir sobre os desafios das mulheres no âmbito das arquibancadas, e como elas ressignificam suas experiências e vivências nesse espaço, contribuindo para transformá-lo.

Nos últimos anos a ocupação das mulheres em torcidas organizadas de futebol tem se intensificado, provocando uma série de mudanças significativas para o espaço. Com a presença feminina nestes lugares, alguns comportamentos tendem a ser moderados, tornando-o mais acolhedor, respeitoso e menos agressivo.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro apresenta uma revisão histórica e teórica sobre a história do futebol feminino: mídia e sexualização. O segundo capítulo descreve a paixão inabalável e fanatismo das torcidas organizadas. O terceiro capítulo relata a força feminina nas arquibancadas pelo direito de torcer. O quarto capítulo discute o documentário como registro histórico e cultural. Por fim, o quinto capítulo traz passo a passo todo o processo de produção durante a construção do documentário, com anexos e imagens durante as gravações.

2. HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL: MÍDIA E SEXUALIZAÇÃO

A visibilidade das mulheres no futebol tem aumentado significativamente nos últimos anos. Esse avanço é resultado de várias iniciativas que promovem o esporte feminino, bem como o empenho das próprias atletas, que têm demonstrado talento e profissionalismo nos campos. Com os avanços midiáticos e a valorização do futebol feminino, este esporte vem despertando ainda mais interesse da população e dos torcedores que acompanham seus respectivos times, trazendo uma grande massa para dentro dos estádios. Através de alguns marcos como a final do Campeonato Brasileiro Feminino da Série A, entre Internacional e Corinthians, que aconteceu em 18/09/2022.

A partir disso, ocorreu a primeira final que foi sediada no estádio Beira Rio, no Rio Grande do Sul, com um público recorde de 36.330 pagantes. O jogo terminou empatado em 1x1, levando a decisão para o estádio do Corinthians. No jogo de volta, um novo recorde: 41.070 ingressos pagos, considerado o maior recorde de público em uma partida de mulheres no Brasil. Em 10/09/2023, o Corinthians bateu outro recorde na Neo Química Arena, em São Paulo, contra o Ferroviária pela decisão de mais um título do campeonato brasileiro feminino. O estádio contou com mais de 42.566 torcedores. O jogo terminou 2x1, e o Corinthians acabou levando o título pela quarta vez consecutiva: 2020, 2021, 2022 e 2023.

Porém, nem sempre foi assim. Para chegar ao momento atual, muitas mulheres tiveram que lutar arduamente para conquistar seu espaço no futebol, enfrentando humilhações, preconceitos e até proibições. No Brasil, por exemplo, as mulheres foram oficialmente proibidas de jogar futebol entre 1941 e 1979, sob o argumento de que o esporte "não era adequado para o corpo feminino".

O Conselho Nacional de Desportos (...) decidiu pedir providências aos governadores dos Estados junto aos seus chefes de Polícia, no sentido de não permitirem, em hipóteses alguma, a realização de jogos de futebol feminino. (Folha de São Paulo. São Paulo, 04 de fevereiro de 1965).

Mesmo após o fim dessa proibição, as mulheres ainda encontraram uma série de obstáculos, desde a falta de apoio e investimento até a discriminação por parte de dirigentes, torcedores e da própria sociedade. Os primeiros registros de partidas disputadas por mulheres aconteceram nos anos de 1920, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Norte. O futebol feminino entrou no Brasil

em meados da década de 1940, mas só foi oficialmente reconhecido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1983. Porém, o esporte continuou enfrentando resistência e preconceito por muito tempo, inclusive sendo proibido por vários anos durante a ditadura militar. A primeira partida de futebol feminino da história do Brasil foi disputada em São Paulo, em 1921, com duas equipes formadas por mulheres.

A luta das mulheres por igualdade de oportunidades sociais atravessa diversos contextos, mas ainda está longe de ser uma realidade plena, evidenciada pelo desrespeito que enfrentam em muitas esferas. No esporte, essa desigualdade é visível tanto na falta de reconhecimento das mulheres como atletas quanto na escassez de sua presença em cargos de liderança, onde a predominância masculina ainda é marcante.

[...] tem-se prestado muito pouca atenção ao esporte, tradicionalmente uma das maiores reservas masculinas, e assim de significado potencial para o funcionamento das estruturas patriarcais. Nos últimos anos, especialmente como resultado do desafio feminista, percebe-se que a sociologia se desenvolveu a partir de um contexto de pressupostos patriarcalistas. (DUNNING, 1986, 164)

Nos esportes de aventura, esse cenário de exclusão também se manifesta. Parte disso pode ser explicada pelas características desafiadoras desses esportes, que exigem enfrentar situações desconhecidas e resolver problemas em ambientes naturais, onde a força e a resistência são essenciais. Tradicionalmente, a sociedade associa essas qualidades ao masculino, mantendo o estereótipo equivocado de fragilidade feminina e restringindo as oportunidades das mulheres nessas práticas.

[...] a participação feminina no esporte sempre foi alvo de muitas controvérsias. Há algumas décadas, as mulheres eram interditadas de participar de qualquer atividade esportiva, sob diversas alegações, desde sua fragilidade física, passando pela sua condição materna, e até mesmo pelo fato da arena esportiva fortalecer o espírito do guerreiro masculino, sendo apontado como o único local no qual a supremacia masculina seria incontestável (KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003, 51).

Essas limitações revelam que, apesar dos avanços, ainda há um caminho a ser trilhado para que a presença feminina nos esportes de aventura — e no esporte em geral — seja respeitada e valorizada de forma igualitária.

A regulamentação do futebol feminino no Brasil começou em 1983, quando a CBF criou a primeira competição nacional, o Campeonato Brasileiro de Futebol

Feminino. Desde então, o esporte passou a ganhar mais visibilidade e investimento das entidades esportivas, além da participação de craques importantes como Marta, Formiga e Cristiane, que ajudaram ainda mais a popularizar e elevar o nível do futebol feminino brasileiro. Na década de 1940, o que se sabia era que o esporte era praticado em periferias, e ainda não havia proibição.

Em 1941, ocorreu de fato a proibição da prática esportiva por ser considerada violenta. Foi assim criado o Conselho Nacional do Desporto (CND), tornando-se o departamento responsável pela criação da lei que impediria o esporte de ser exercido por mulheres. No ano de 1965, já no governo militar, o decreto-lei é novamente publicado, detalhando ainda mais a proibição esportiva:

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Essa legislação reflete o preconceito de gênero da época, com base em visões conservadoras sobre o que era apropriado para o corpo feminino. A proibição imposta pelo Artigo 54 foi um obstáculo significativo para o avanço do esporte feminino no Brasil, limitando a participação das mulheres em competições e seu reconhecimento como atletas profissionais.

No final de 1970, a lei foi revogada, iniciando uma nova trajetória no futebol feminino. Mesmo tendo a liberação, atletas ainda continuavam não recebendo estímulos nem apoio para que dessem início à prática de forma profissional. Essa regulamentação só chegou no ano de 1983, permitindo com que atletas pudessem competir, criar calendários e ensinar nas escolas.

Foi a partir daí que foram criados dois clubes: o Radar e Saad, sendo os pioneiros neste esporte. Em 1988, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) organizou um torneio mundial de caráter experimental, que contava com atletas do time do Radar e do Juventus (SP). Foi um torneio que serviu como base, e deu ao Brasil a medalha de bronze nesta competição.

A partir daquele momento, as coisas começaram a melhorar para o futebol feminino. Nos anos 90, ocorreu a Primeira Copa FIFA e a CBF tomou oficialmente o comando do time feminino do Brasil. Logo após, ocorreu a Primeira Olimpíada da seleção feminina, que infelizmente deixou a medalha escapar. Em 1999, a Seleção Feminina conquistou a primeira medalha, ocupando o terceiro lugar. A partir dos anos

2000, esta mesma seleção começou a conquistar títulos e Marta se consagra a melhor jogadora do mundo.

Atualmente, o futebol feminino vem passando por mudanças significativas e positivas, abrindo mais oportunidades e conquistando apoio e visibilidade para as mulheres no esporte. No entanto, é importante lembrar que nem sempre foi assim. Por muitos anos, as jogadoras enfrentaram uma série de dificuldades, como a falta de investimento, o preconceito e o desinteresse por parte de entidades esportivas e patrocinadores. Além disso, durante décadas, houve restrições oficiais e informais que limitavam o acesso das mulheres ao futebol, sendo vistas como inadequadas para esse tipo de atividade.

Essas barreiras ao longo do tempo impediram o desenvolvimento pleno do futebol feminino, mas a resistência e a perseverança de várias gerações de atletas abriram caminho para as conquistas atuais. Hoje, o futebol feminino recebe mais atenção e reconhecimento, mas ainda há um longo percurso para alcançar a igualdade e garantir que as jogadoras recebam o mesmo respeito, recursos e oportunidades que os homens.

As primeiras jogadoras de futebol feminino foram registradas no final do século XIX e início do século XX. Entre elas podemos citar Nettie Honeyball. Em 1894, fundou a primeira equipe de futebol feminino conhecida, o British Ladies Football Club, na Inglaterra. Honeyball foi uma das primeiras defensoras do futebol feminino e organizou jogos e competições para promover a participação das mulheres no esporte. Lily Parr, uma jogadora inglesa, é considerada uma das maiores pioneiras do futebol feminino. Ela jogou como atacante no Dick, Kerr's Ladies FC, um time formado por trabalhadoras de uma fábrica de munições durante a Primeira Guerra Mundial. Parr se destacou por sua habilidade e poderoso chute com a perna esquerda. Helen Matthews foi uma jogadora escocesa que se tornou a primeira capitã da seleção escocesa de futebol feminino, em 1881. Ela liderou a equipe em seu primeiro jogo internacional contra a Inglaterra. Embora não seja uma das primeiras jogadoras, Mia Hamm é uma das jogadoras mais conhecidas e influentes na história do futebol feminino. Ela jogou pela seleção dos Estados Unidos e ajudou a popularizar o esporte em seu país. Hamm foi uma das principais jogadoras da equipe que venceu a Copa do Mundo Feminina da FIFA, em 1991 e 1999. No ano de 1932, a presença de mulheres nos eventos esportivos começa por outras modalidades disponíveis, como

a presença da nadadora Maria Lenk. Já no Brasil, em 1940, o então Getúlio Vargas recebe uma carta em que pedem para que o futebol feminino seja findado.

Essas são apenas algumas das primeiras jogadoras de futebol feminino que ajudaram a pavimentar o caminho para o crescimento e reconhecimento do esporte ao longo dos anos. O futebol feminino tem uma rica história, e muitas mulheres talentosas contribuíram para o seu desenvolvimento.

2.1 Breve resumo sobre a história do futebol feminino

Embora não se possa determinar uma única pessoa responsável por trazer o futebol feminino para o Brasil, pode-se afirmar que as mulheres começaram a jogar futebol no país a partir da década de 1920, principalmente em clubes e escolas de educação física. Na década de 1940, a modalidade começou a se popularizar e surgiram os primeiros campeonatos estaduais e nacionais. Em 1979, foi criada a primeira seleção brasileira de futebol feminino. Em abril de 1941, é criado pelo Conselho Nacional do Desporto, o Decreto-Lei n.º 3199, que proíbe as mulheres de praticarem esportes que sejam considerados violentos, inclusive o futebol. Esse Decreto-Lei durou até o ano de 1983, quando as atletas puderam voltar novamente a praticar o esporte. Mesmo impossibilitadas de praticá-lo em público naquela época, algumas atrizes paulistas e cariocas se juntaram e estiveram no Estádio do Pacaembu, alegando um evento beneficente para que pudessem praticar o esporte entre elas.

Diante ao preconceito enfrentado historicamente pelas mulheres no meio do futebol, a maioria delas enfrentam uma luta inúmeras batalhas e questionamentos. No meio esportivo, isso também não é diferente, e como a realidade feminina não deixa de ser algo cotidiano na vida delas, muitas dessas mulheres enfrentam a maior dificuldade de todas: o machismo nas arquibancadas. Segundo as afirmações de Sousa & Altmann (1999), a maioria dessas mulheres vão aos estádios e se deparam com inúmeros questionamentos, muitos deles trazendo até constrangimentos e inquietações.

“Antigamente, esperava-se que as meninas evitassem um desenvolvimento ativo nos esportes, com a introdução do esporte como conteúdo curricular da Educação Física Escolar no Brasil.” (SINGER 1977 apud PAIM 2004 p.1), a partir dos

anos 1930, a mulher manteve-se perdedora porque era considerada culturalmente como um corpo frágil diante do homem, porém era considerada vencedora nas danças e nas artes. O corpo da mulher estaria dotado de docilidade, fragilidade e sentimento, qualidades essas negadas ao homem. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corporal e movimentos violentos. Às mulheres, era permitida a ginástica rítmica e o voleibol, que lhes garantiam a suavidade de movimentos e o não contato com outros corpos.

[...] não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto se eles forem diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido relativa aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança (SCOTT, 1992, 87)

O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. Entretanto, o futebol, esporte mais violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la. Além de enfrentar o preconceito e o machismo no dia a dia, a ausência de um incentivo por parte das organizações privadas e do poder público em destaque impediram o crescimento da modalidade nos Estados Unidos e também no Brasil.

Na saída de campo após a derrota de 2 a 1 para a França pelas oitavas de final da Copa do Mundo, as jogadoras da seleção brasileira conviveram com um sentimento de frustração pela eliminação, mas de orgulho por terem demonstrado garra e muita luta em campo. Em declaração após a derrota para o time da França, Thaisa reflete sobre o futebol feminino: “O que eu sempre peço é um mínimo de estrutura para essa nova geração que está vindo. Não é salário alto nem nada, só infraestrutura para que elas possam treinar, se alimentar bem, para começar a evoluir e começar a ser considerada uma potência como a França.”¹

Por muito tempo, o futebol foi visto como exclusivo do universo masculino, o que perpetuou um forte preconceito quando a modalidade também se abriu ao público feminino. Até hoje, as atletas enfrentam barreiras sociais significativas, especialmente o estigma de que esse esporte é "masculino". Essa visão exige das jogadoras uma

¹ Após eliminação na Copa, jogadoras do Brasil esperam mais investimentos no futebol feminino. UOL. Disponível em: 23 jun 2019.

constante superação, não apenas no campo esportivo, mas também contra as normas culturais que desvalorizam sua participação no futebol.

2.2 Mulheres desafiando estigmas

As torcidas organizadas começaram a surgir no Brasil na década de 1970, período marcado pela ditadura militar. Embora houvesse mulheres nas arquibancadas, esses espaços não eram considerados naturalmente femininos e muitas vezes hostilizavam sua presença. Um reflexo dessa exclusão foi a proibição do futebol feminino na década de 1940.

Os atores sociais, individuais ou coletivos, possuem uma necessidade iminente de se tornarem visíveis na esfera social. Essa visibilidade permite que suas existências sejam reconhecidas e, a partir disso, estabeleçam-se os processos de comunicação, os quais compreendem vários tipos de relações, interações, intercâmbios e trocas entre os atores componentes de diferentes campos sociais (SGORLA, 2010, 1)

Mesmo assim, as mulheres continuaram a se destacar, mas enfrentam outro desafio: a sexualização promovida pela mídia, que desvalorizava sua atuação no esporte e reforçava estereótipos limitantes; a mídia tem um papel importante na retratação do futebol feminino. Ela pode ajudar a criar consciência e interesse sobre o assunto e promover o esporte ao redor do mundo.

Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol. (RIGO et al. 2008, 185)

A mídia também pode ser usada para destacar os aspectos mais positivos e inspiradores das jogadoras de futebol feminino, destacando suas habilidades, histórias de vida e conquistas. Além disso, a mídia pode destacar as habilidades das atletas, ajudando a desmontar os estereótipos de gênero e promover a igualdade no esporte. Por outro lado, a mídia também pode reforçar o preconceito e reproduzir estereótipos de gênero, como o fato de as mulheres não serem tão boas no futebol quanto os homens.

Ao coletarmos os depoimentos, observamos a ressalva de nossas entrevistadas em relação às competições esportivas femininas por elas apresentadas como espaços nos quais era possível visualizar a mulher atleta como um ser capaz de congregar beleza, graça, corpos delineados, força e virilidade sem se tornar masculinizada, mas ressaltando, ao invés disso, sua feminilidade (RIGO et al., 2005, 141).

A ausência de cobertura midiática no futebol feminino representa um obstáculo significativo, pois resulta na escassez de recursos financeiros, oportunidades e reconhecimento para as atletas. Embora a mídia tenha o potencial de promover a modalidade e reduzir a desigualdade de gênero no esporte, ela frequentemente reforça estereótipos e subestima o talento das jogadoras. Como destaca Souza (2017 p.3) o silenciamento e a sub-representação das mulheres no esporte contribuem para a manutenção de um imaginário social que questiona sua competência e pertencimento nesse campo.

Em seu livro "Os exercícios do ver", Jesus Martín Barbero se juntou ao psicólogo e professor colombiano Germán Rey, e analisaram um fenômeno social e cultural de extrema importância: o poder televisivo sobre o imaginário da sociedade. Descrevem a televisão como mediação tecnológica e cultura, sendo este meio tratado através das hibridações entre tecnicidade e visualidade. Segundo Barbero (2004, 4), o "olhar" ou o "ver" mudaram realmente, graças aos atrativos poderosos com que é hoje servido. As fotos nos jornais, para ficar num exemplo obviamente visual, são agora coloridas e mostram sangue da violência com maior realismo. Na obra, eles estudam as diversas mediações e as relações entre comunicação, política e cultura.

A influência da mídia no futebol feminino pode ter tanto efeitos positivos quanto negativos. A mídia exerce um papel fundamental no futebol feminino, podendo gerar tanto avanços quanto desafios. Entre os efeitos positivos, a cobertura amplia a visibilidade da modalidade, atrai patrocínios e incentiva a valorização das jogadoras, contribuindo para a igualdade de gênero no esporte.

Por outro lado, quando a abordagem é estereotipada ou limitada, a mídia pode reforçar preconceitos, sexualizar as atletas e desvalorizar suas conquistas. Dessa forma, o impacto da mídia depende da qualidade e intencionalidade da narrativa construída em torno do futebol feminino. Algumas consequências incluem: maior visibilidade da jogadora e da equipe, o que pode aumentar o interesse do público e gerar mais patrocínios e investimentos, mais cobertura jornalística e divulgação para que mais pessoas assistam aos jogos e conheçam as jogadoras, maior incentivo para as mulheres participarem do futebol, pois a mídia pode ajudar a mudar a percepção

de que o futebol é um esporte masculino. Nas negativas, podem incluir: o futebol feminino geralmente recebe menos peso na mídia em comparação com o futebol masculino, o que pode limitar a visibilidade e o acesso a recursos, comentários e análises sexistas de jornalistas e comentaristas podem afetar negativamente a autoestima e a motivação das jogadoras.

Sob outra perspectiva, a mídia pode ir além da promoção tradicional, posicionando o futebol feminino como um instrumento de transformação social. Isso inclui a criação de narrativas que desconstruam preconceitos históricos e demonstram a importância do esporte como espaço de empoderamento feminino.

Além disso, ao destacar a diversidade de histórias das atletas, a mídia pode inspirar diferentes públicos e fomentar um debate sobre equidade no esporte. Assim, o futebol feminino não apenas ganha visibilidade, mas se torna um símbolo de mudança cultural e social.

Na contemporaneidade não é diferente, porque além da sexualização, a utilização de estereótipos tem se tornado uma das maiores lutas, pois é como se as mulheres não conseguissem amar um clube de futebol, ligando-as às jogadores que compõem o time. A sexualização da mulher no estádio pode acontecer de diversas formas. Alguns exemplos incluem: os uniformes femininos que tendem a ser projetados para serem atraentes e sensuais, enquanto os uniformes masculinos geralmente se concentram no conforto e na funcionalidade; mulheres que frequentam estádios podem ser alvo de comentários e abordagens sexuais indesejadas, o que contribui para uma cultura que normaliza a objetificação e a exploração sexual de mulheres; anúncios exibidos durante jogos de futebol geralmente usam imagens sexuais para promover produtos como cerveja ou carros. As animadoras de torcidas costumam usar roupas coladas a seu corpo e realizam movimentos sensuais, contribuindo para o aumento de uma cultura de sexualização das mulheres nos estádios. A cobertura dos jogos da mídia geralmente se concentra na aparência física das mulheres, e não em suas habilidades atléticas.

A sexualização das mulheres contribui para a perpetuação de uma cultura que normaliza a exploração de seus corpos, inclusive em ambientes esportivos. É essencial promover iniciativas que desafiem esses padrões e incentivem o respeito e a segurança das mulheres nos estádios. Criar um espaço inclusivo não apenas combate preconceitos, mas também reforça a igualdade de gênero e valoriza a

participação feminina no esporte como um direito, livre de qualquer forma de objetificação.

Mesmo com a maior participação feminina de todos os tempos nos Jogos Olímpicos (48,81%), as mulheres ainda enfrentam desafios que vão além da conquista pela medalha. A igualdade de gênero é uma realidade distante no esporte, é um dos exemplos do destaque que essa grande disparidade no tratamento entre homens e mulheres ganharam nas Olimpíadas de Tóquio: a sexualização que essas atletas sofrem por meio dos uniformes. Para ser combatida essa questão, a equipe alemã de Ginástica Artística abriu mão do típico collant da modalidade para se apresentar com um macacão que cobria as pernas. Sarah Voss, uma das ginastas, já tinha tomado essa atitude em abril, e a repetiu com as colegas nos jogos.

Em julho, a equipe norueguesa de handebol de praia ganhou destaque ao se recusar a usar biquínis como uniforme oficial durante o campeonato europeu. As atletas argumentaram que a vestimenta comprometia seus movimentos, prejudicava o desempenho e era desconfortável, além de reforçar a hipersexualização no esporte. Esse ato chamou atenção para a necessidade de reavaliar normas de uniformes que desrespeitam as atletas e priorizam padrões estéticos em vez de funcionalidade e igualdade. Após o término do torneio, os dirigentes da Federação Internacional de Handebol (IHF) divulgaram o comunicado revelando a multa pelo fato da seleção norueguesa ter feito uso de vestimentas que “não estão de acordo com os regulamentos de uniformes de atletas definidos nas regras do jogo de handebol de praia da IHF”. A Federação Norueguesa de Handebol afirmou: “Vamos continuar a lutar juntos, a paralisar as regras de vestuário, para que atletas passem a jogar com as roupas com as quais se sentem confortáveis.” Em sua rede social, a cantora Pink publicou um Tweet em que se ofereceu para pagar a multa: “Estou MUITO orgulhosa da equipe feminina norueguesa de handebol de praia POR PROTESTAR CONTRA AS REGRAS MUITO SEXISTAS SOBRE SEU ‘uniforme’. É a Federação Europeia de Handebol que DEVE SER MULTADA POR SEXISMO. Muito bem senhoras. Ficarei feliz em pagar suas multas por vocês. Continuem assim”.



Em entrevista à BBC, a jornalista Roberta Cardoso, co-fundadora da Dibradoras, uma plataforma digital que busca aumentar a visibilidade das mulheres no esporte, criticou o sexismo da área:

As competições foram concebidas para homens - esse tipo de incidente deixa isso claro. Em 2021, os dirigentes de organizações esportivas, geralmente homens brancos, ainda veem as atletas como adorno, que estão ali apenas para agradar aos homens. Caberia às mulheres decidir qual é o melhor traje para elas. Mas, como são poucas as mulheres em posição de comando nas organizações esportivas, as vozes das atletas não são ouvidas¹. O foco não é o conforto das mulheres, mas, sim, agradar e atrair o público masculino.²

Em 1978, a professora estadunidense de Educação Física e Fisioterapia, Emily Wughalter, batizou o fenômeno das mulheres terem que demonstrar sua feminilidade no esporte de “the female apologetic”, ou seja, o pedido de desculpas feminino. E as roupas mais “femininas” seriam uma forma de compensar essa falta de feminilidade das mulheres durante as práticas esportivas. O termo foi criado pela pesquisadora em 1979 e, em 2016, a professora canadense Elisabeth Hardy fez uma atualização na teoria de Wughalter, afirmando que o fenômeno de compensação feminina também afeta as chances dessas mulheres progredirem na carreira.

No feminismo, parece haver uma necessidade política de falar enquanto mulher e pelas mulheres, e não vou contestar essa necessidade. [...] Eu diria que qualquer esforço para dar conteúdo universal ou específico à categoria mulheres, supondo-se que essa garantia de solidariedade é exigida de antemão, produzirá necessariamente facções e que a “identidade” como ponto de partida jamais se sustenta como base sólida de um movimento político feminista. As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas. Isso não quer dizer que o termo “mulheres” não deva ser usado, ou que devemos anunciar a morte da categoria. Ao contrário, se o feminismo pressupõe que “mulheres” designa um campo de diferenças indesignáveis, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e resignificação (BUTLER, 2003, 25-6).

O empoderamento feminino passa a ter um papel importante no esporte. Na contramão das que querem o direito de usar uniformes mais confortáveis, há mulheres que utilizam de elementos como maquiagens, unhas compridas e lantejoulas para se expressar. A luta não é sobre usar ou não usar algum uniforme, é sobre ter o direito de escolher. É ter o direito de se usar e se expressar como bem entenderem.

² Olimpíada de Tóquio 2021: como o sexismo se reflete no controle dos uniformes das atletas. BBC NEWS. Disponível em: 27 jul. 2021

3. PAIXÃO INABALÁVEL: O FANATISMO NAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Nos cantos mais apaixonados do mundo dos esportes, onde a rivalidade se transforma em devoção inabalável e o apoio ao time é uma questão de honra, surgem as torcidas organizadas. Elas não são apenas grupos de fãs; são irmandades, famílias de alma, cuja lealdade ao clube transcende as fronteiras do estádio. Estas organizações, com seus cânticos retumbantes, bandeiras ondulantes e coreografias impressionantes, são mais que simples espectadores – são parte integrante do espetáculo esportivo.

O pulsar dos corações de milhares de torcedores organizados reverbera nas arquibancadas, criando uma atmosfera elétrica capaz de influenciar o destino das partidas. Suas histórias são repletas de vitórias emocionantes e derrotas desoladoras, mas, independentemente do resultado, persiste uma chama ardente da paixão.

Sabe-se que o futebol no Brasil, mas também em diversos países, apresenta-se como um fenômeno predominantemente urbano, ditado pela competição esportiva, porém impregnado de um sentimento lúdico, do âmbito da festa e do entretenimento. Mas também vivenciado cotidianamente, muitas vezes, consubstanciado em um comportamento transgressor, desordem nas ruas, ainda, despertando interesses políticos variados, potencializando diferenças. Inscreve-se na cidade, através do futebol e de suas torcidas, uma variada gama de emoções, preferências clubísticas, adesão a grupos. Que traduzem no nível social determinadas regras, padrões de comportamentos, que transcendem os limites das partidas e jogos em si. (TOLEDO, 1996, 12)

As torcidas organizadas no Brasil surgiram na década de 1940. Elas surgiram com uma resposta apaixonada e muitas vezes entusiástica ao crescimento do futebol como esporte e entretenimento popular no país. No entanto, ao longo dos anos, essas torcidas passaram por mudanças significativas, incluindo aspectos positivos e também problemáticos. A origem delas está associada a alguns fatores como: paixão pelo futebol; criação de identidade coletiva, rivalidades intensificadas; participação ativa nos jogos e questões sociais e políticas. No futebol, a popularização da torcida organizada cresceu rapidamente.

3.1 A paixão pelo futebol

Nas grandes cidades, em meados do século XX, os estádios lotavam com admiradores que escolhiam clubes para manifestar sua torcida. Com o crescimento do número de pessoas que passaram a apreciar apaixonadamente o futebol, grupos começaram a se reunir para frequentar os estádios, até que na década de 40 surgiram as primeiras torcidas uniformizadas. O movimento de torcidas teve início em São Paulo, com torcedores da elite paulistana que se encontravam nos clubes.

Na tentativa de explicar o envolvimento das pessoas com os times de futebol, Carvalho, Andrade e Junior (2022, 3) propuseram que o futebol tem a capacidade de fazer com que torcedores atinjam níveis elevados de participação e fusão coletiva, em um processo de “simbiose afetiva”, termo empregado para traduzir a comunhão entre os torcedores com seus times. Em uma perspectiva funcional, o futebol serviria como elemento de aproximação, reforçado pela cultura, em conjunto com valores e sentimentos de pertencimento (Canale, 2012; De Carvalho Teixeira, 2012) e patriotismo (Damo, 2008).

Existem relatos de que, em alguns casos, o envolvimento com o time pode ser ainda mais intenso, caracterizando o fanatismo por futebol (Wachelke et al., 2008). Comumente chamados de torcedores fanáticos, pessoas ávidas por futebol podem manifestar grande envolvimento emocional com o clube (Pereira, 2012; Giulianotti, 2012; Silva Brito & Maciel, 2015), fazendo com assumam estereótipos, regras sociais e padrões de comportamentos, consolidados em uma longa história de rixas, vitórias, derrotas, repercussões da imprensa e especificidades dos confrontos esportivos (Damo, 2002).

O fanatismo que permeia as torcidas organizadas de futebol é um fenômeno complexo e multifacetado, resultante de uma combinação de fatores sociais, culturais e emocionais. Seguidamente, exploraremos os principais motivos que levam membros das torcidas organizadas a desenvolver um fanatismo tão intenso ao longo do tempo. Um dos fatores mais significativos é a necessidade humana de identidade e pertencimento. Torcidas organizadas oferecem um senso de comunidade e pertencimento que muitos indivíduos buscam, especialmente em contextos urbanos, onde o anonimato e a alienação são comuns. Ao se filiarem a uma torcida, os membros encontram um grupo com o qual podem se identificar, partilhar paixões e construir amizades.

gêneros integram esses grupamentos. Sujeitos que trabalham nas mais variadas profissões; indivíduos que respondem processos criminais; usuários de droga; estudantes; pais de famílias; mulheres. Porém, essa heterogeneidade não exclui características específicas a cada torcida, onde certa agremiação pode ter um número maior de torcedores de determinada classe social. (PIMENTA, 2000, 122-126).

Esse fanatismo muitas vezes é passado de geração em geração. Em muitas famílias, apoiar um determinado clube é uma tradição que fortalece os laços familiares e culturais. Esse legado é reforçado ao longo dos anos, com os membros mais jovens sendo introduzidos às práticas e valores da torcida desde cedo. As atividades das torcidas organizadas são carregadas de rituais que reforçam o senso de coletividade e pertencimento. Cânticos, coreografias e a organização de eventos são formas de criar uma identidade coletiva forte. Na maioria das vezes, esses rituais geram uma sensação de coesão e solidariedade, aumentando o compromisso emocional dos membros.

Para muitos, o futebol e a participação em torcidas organizadas são formas de escape das pressões do cotidiano. O ambiente do estádio e os eventos organizados pela torcida proporcionam momentos de euforia e emoção intensas, funcionando como válvulas de escape do estresse e das dificuldades da vida diária. A torcida organizada permite uma expressão intensa de emoções que muitas vezes são reprimidas em outros contextos sociais. No estádio, a explosão de alegria com um gol ou a frustração com uma derrota podem ser expressas de maneira coletiva, criando um ambiente catártico e liberador.

A rivalidade com outras torcidas é um elemento que intensifica o fanatismo. A sensação de estar em uma batalha simbólica, onde o triunfo do time representa o triunfo do grupo, reforça a dedicação e o comprometimento dos membros. A rivalidade cria uma narrativa de “nós contra eles”, que solidifica ainda mais o senso de grupo. Sendo assim, dentro das torcidas organizadas, existe uma hierarquia e um sistema de reconhecimento. Os membros que demonstram maior dedicação e lealdade muitas vezes ganham status e respeito dentro do grupo. Esse reconhecimento pode ser um motivador poderoso, incentivando o aumento do fanatismo.

Líderes carismáticos dentro das torcidas e a influência da mídia esportiva também desempenham papéis cruciais. Os líderes podem inspirar e mobilizar os membros, enquanto a cobertura midiática constante do futebol e das atividades das torcidas ajuda a manter o entusiasmo e a visibilidade do grupo. O fanatismo intenso das torcidas organizadas é resultado de uma combinação de identidade, tradição, ritual, competição e busca por significado. É uma expressão de paixão e dedicação que vai além do simples apoio a um time de futebol, incorporando aspectos profundos da psicologia e sociologia

humanas. Compreender esses motivos ajuda a reconhecer a complexidade do fenômeno e a importância cultural das torcidas organizadas no cenário esportivo e social.

As torcidas organizadas de futebol desempenham um papel fundamental na formação da identidade coletiva de seus membros, criando um senso de pertencimento que transcende o simples ato de torcer por um time. Esta identidade é construída a partir de valores compartilhados, símbolos reconhecíveis e tradições específicas que fortalecem os laços entre os torcedores e com o clube que apoiam. Os valores compartilhados são a base da identidade coletiva de uma torcida organizada. Esses valores são frequentemente expressos em termos de lealdade, paixão, solidariedade e resistência. Eles são promovidos tanto nas arquibancadas quanto nas atividades extrajogo, moldando o comportamento e a atitude dos torcedores.

Os símbolos são elementos visuais e sonoros que representam a identidade da torcida e servem como um ponto de reconhecimento e orgulho para seus membros. Eles incluem: bandeiras e estandartes; cores e insígnias; cantos e hinos; grafites e murais. As tradições e rituais desempenham um papel crucial na construção e manutenção da identidade coletiva das torcidas organizadas, em algumas torcidas esses são os pilares: reuniões e desfiles; rituais de iniciação; comemorações e vigílias; produção de mosaicos.

A relação entre torcidas organizadas e clubes de futebol é uma das mais fascinantes e complexas dinâmicas no mundo do esporte. As torcidas organizadas desempenham um papel fundamental na criação da atmosfera e energia que permeiam os jogos, influenciando diretamente a experiência dos jogadores, treinadores e demais torcedores. Elas surgiram como movimentos de apoio incondicional aos clubes de futebol. Originadas principalmente na América Latina e Europa, essas torcidas se caracterizam pela paixão intensa, criatividade nas arquibancadas e uma identidade coletiva forte.

A relação entre as torcidas organizadas e os clubes é de interdependência: enquanto as torcidas oferecem apoio incansável e uma atmosfera vibrante, os clubes fornecem uma plataforma para a expressão dessa paixão. A atmosfera de um jogo de futebol é significativamente moldada pela presença e atuação delas, cuja energia pode ter um impacto direto no desempenho dos jogadores.

Apesar dos aspectos positivos, a relação entre torcidas organizadas e clubes também enfrenta desafios e controvérsias, e para maximizar os benefícios dessa relação, muitos clubes buscam uma colaboração estreita e positiva com suas torcidas organizadas.

3.2 Relação de afeto e tradição

A paixão e dedicação dessas torcidas criam um ambiente único, onde a emoção do esporte é amplificada. Enquanto desafios persistem, a colaboração e o respeito mútuo podem transformar essa relação em uma força poderosa para o sucesso e a cultura dos clubes. Trazer essa sinergia entre torcida e clube é a essência do futebol, proporcionando momentos inesquecíveis tanto para os jogadores quanto para os torcedores.

As organizadas, elementos essenciais da cultura futebolística mundial, enfrentam um cenário de mudanças culturais e sociais que exigem uma adaptação e evolução contínuas. Com a crescente conscientização sobre questões de igualdade de gênero, diversidade, responsabilidade social e ética, as torcidas organizadas têm a oportunidade de se reinventar e desempenhar um papel ainda mais significativo e positivo na sociedade. Uma das principais áreas de evolução é a promoção da inclusão e diversidade. As torcidas podem adotar políticas explícitas de inclusão, garantindo que todos os membros, independentemente de gênero, raça, orientação sexual ou condição social, sintam-se bem-vindos e valorizados.

A evolução em resposta às mudanças culturais e sociais é não apenas uma necessidade, mas também uma oportunidade de crescimento e fortalecimento. Ao adotar práticas inclusivas, promover responsabilidade social, utilizar a tecnologia de forma eficaz, garantir transparência e combater a violência, as torcidas podem se tornar agentes positivos de mudança na sociedade. Este processo de evolução beneficia não apenas as torcidas e seus membros, mas também o futebol e a comunidade em geral, criando um ambiente mais justo, inclusivo e vibrante para todos os envolvidos. Elas não apenas fortalecem a identidade coletiva de seus membros, mas também impactam a comunidade ao redor. Elas frequentemente se envolvem em atividades sociais, como campanhas de doação de alimentos, apoio a causas sociais e organização de eventos culturais. Essas ações reforçam os valores de solidariedade e responsabilidade social, ao mesmo tempo que melhoram a imagem das torcidas perante a sociedade. Mas embora a construção de uma identidade coletiva forte seja uma conquista, as torcidas organizadas enfrentam desafios contínuos, como a persistência de embates violentos entre torcidas organizadas.

O torcedor rival perde a característica de pessoa ou sujeito, mas ganha o status de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano. Na

prática dos atos de violência, os “torcedores” perdem a percepção da existência do outro. (PIMENTA, 2000, 42)

A violência entre torcidas, o preconceito e a discriminação ainda são problemas que precisam ser abordados. No entanto, a crescente inclusão de diversos grupos, incluindo mulheres e minorias, está ajudando a transformar as torcidas em espaços mais inclusivos e representativos da diversidade da sociedade.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da “ordem”, ou da “lógica”, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. (FRANZINI, 2004, 3)

A presença das mulheres nas torcidas organizadas de futebol, tradicionalmente dominadas por homens, tem se intensificado nas últimas décadas, trazendo uma série de mudanças significativas para o ambiente dessas organizações. Esse fenômeno não apenas reflete a crescente inclusão feminina no esporte, mas também promove uma transformação cultural profunda dentro e fora dos estádios.

Os discursos sociais reforçaram as limitações impostas e reproduziram a noção de que a competição esportiva seria perigosa pelo risco de “masculinizar” a mulher - ou seja, a imagem masculina foi atribuída ao esporte de tal forma que a inserção da mulher nesse universo expressava a “adoção” de características ditas “próprias de homem” e a perda daquilo que era considerado “feminino”, em uma espécie de processo de descaracterização física, comportamental e/ou identitária. “Nos [esportes] que envolviam força, [as mulheres] eram excluídas. A mulher ainda era você que procriava biologicamente diferente do homem e sujeita a prescrições dos médicos, todos, claro, do sexo masculino”. (MIRAGAYA, 2002, 1). Além disso, existia um papel social delegado e, simbolicamente, associado ao feminino: acreditava-se que o lugar da mulher era dentro de casa, tomando conta da residência e dos filhos.

Historicamente, as torcidas organizadas surgiram como grupos masculinos, associados a uma cultura de força e resistência, frequentemente permeada por comportamentos agressivos e, em alguns casos, violentos. As mulheres, embora sempre presentes nos estádios, eram geralmente vistas como espectadoras passivas e a participação ativa delas na organização das torcidas era rara.

A relação tolerada das mulheres com o futebol funcionava assim como metáfora de sua posição na sociedade brasileira da época, já que neste seu papel era muito diferente de ficar nos reservados da assistência, vendo os homens “construírem a nação” (FRANZINI, 2005, 11)

Nos últimos anos, o cenário começou a mudar. O aumento do interesse das mulheres pelo futebol, aliado a uma maior conscientização sobre igualdade de gênero, incentivou muitas a se envolverem mais ativamente nas torcidas organizadas. Esse movimento é parte de uma tendência global de empoderamento feminino e busca por equidade em diversos setores da sociedade.

A entrada das mulheres nas torcidas organizadas não foi, e ainda não é livre de desafios. Entre os obstáculos mais comuns, destacam-se: muitas mulheres enfrentam resistência inicial, com atitudes machistas e discriminatórias de membros veteranos das torcidas; o ambiente das organizadas pode ser perigoso, com episódios de violência que representam um risco adicional para as mulheres; a capacidade das mulheres de contribuir significativamente é frequentemente subestimada, tanto na organização de eventos quanto no apoio moral e logístico ao time.

Apesar dos desafios, a crescente participação feminina tem promovido diversas mudanças positivas: a presença feminina tende a moderar comportamentos agressivos e promover um ambiente mais acolhedor e respeitoso: mulheres têm sido fundamentais na implementação de campanhas contra o machismo, racismo e homofobia dentro das torcidas; muitas torcidas organizadas lideradas por mulheres ou com forte participação feminina têm se engajado em ações sociais, como campanhas de arrecadação de alimentos, doações de sangue e eventos beneficentes.

Essas ações ajudam a melhorar a imagem das torcidas organizadas e fortalecem a ligação com a comunidade. E a presença feminina contribui para a diversificação das atividades das torcidas organizadas, que passam a incluir eventos culturais, debates e workshops sobre temas sociais, ampliando o papel dessas organizações para além do apoio incondicional ao time. Além disso, as mulheres têm demonstrado grande habilidade em posições de liderança dentro das torcidas, organizando eventos, coordenando ações e implementando estratégias de crescimento e visibilidade. Isso tem desafiado estereótipos de gênero e promovido uma visão mais equitativa do papel das mulheres no esporte.

Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição da identidade

feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte, diferentes demandas e significados. (COSTA, 2007, 22)

Há vários exemplos de torcidas organizadas que se destacam pela participação ativa das mulheres: Gaviões da Fiel (Corinthians); Guerreiras Grenás (Internacional); e Tricoloucas (Bahia). O futuro das torcidas organizadas certamente será marcado por uma participação feminina cada vez mais significativa. Espera-se que essa presença continue a promover mudanças culturais importantes, não apenas no ambiente das torcidas, mas no futebol como um todo. A inclusão das mulheres tende a transformar as torcidas em espaços mais seguros, acolhedores e socialmente responsáveis. As mulheres nas torcidas organizadas representam um poderoso agente de mudança, quebrando barreiras e promovendo uma cultura de respeito, inclusão e solidariedade. O fortalecimento da participação feminina é essencial para o desenvolvimento de um ambiente esportivo mais justo e equilibrado, onde todos possam expressar sua paixão pelo futebol de maneira saudável e construtiva.

4. FORÇA FEMININA NAS ARQUIBANCADAS: A REIVINDICAÇÃO PELO DIREITO DE TORCER

O futebol brasileiro é amplamente reconhecido como uma das maiores expressões culturais sociais e econômica do país. No entanto, esse esporte tão emblemático tem historicamente refletido as dinâmicas de exclusão e desigualdade de gênero presentes na sociedade. Ao longo de décadas, as arquibancadas dos estádios de futebol foram moldadas por uma cultura predominantemente masculina, que designava às mulheres um papel secundário ou invisível. Apesar das adversidades, as mulheres têm pleiteado ocupar esses espaços, modificando as arquibancadas em um importante campo de reivindicação por igualdade, respeito e inclusão.

Esse processo de ocupação feminina é ao mesmo tempo uma resposta às desigualdades estruturais que marcaram o futebol brasileiro e uma afirmação da força feminina na construção de novas referências culturais. A exclusão feminina do futebol não é apenas uma questão cultural, mas também histórica e institucional. Durante grande parte do século XX, o Brasil manteve em vigor o Decreto-Lei nº 3.199, promulgado em 1941, que proibia as mulheres de praticarem esportes considerados “não compatíveis com sua natureza”. Entre essas práticas, o futebol era explicitamente citado, o que limitou a presença feminina tanto dentro quanto fora do campo. Essa legislação refletia uma concepção de gênero profundamente arraigada, que associava o esporte à masculinidade e alocava as mulheres a um espaço de passividade e subordinação.

4.1 Preconceito e machismo no futebol

Goellner (2005, 2) aponta que o decreto contribuiu para cristalizar uma visão hierárquica de gênero, legitimando a exclusão das mulheres do universo esportivo e reforçando o imaginário de que o futebol é um domínio natural dos homens. Essa exclusão legal e cultural teve impactos duradouros, que ainda hoje são sentidos nas práticas e nas estruturas que regem o futebol brasileiro.

Apesar disso, a história das mulheres no futebol não é apenas uma narrativa de exclusão, mas também de resistência. Desde o início do século XX, mulheres desafiavam as normas impostas pela sociedade, organizando jogos informais e formando equipes amadoras, mesmo sob o risco de repressão. Fora do campo, as torcedoras também desempenhavam um papel importante, embora frequentemente invisibilizadas. Elas não apenas apoiavam os times, mas também participavam de ações comunitárias, mobilizações

e campanhas sociais ligadas ao futebol. Esses atos de resistência representam as primeiras etapas do movimento de ocupação feminina das arquibancadas, que se intensificou a partir das últimas décadas do século XX.

O crescimento da presença feminina nos estádios está diretamente relacionado às transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil nas últimas décadas, particularmente no que diz respeito ao fortalecimento dos movimentos feministas e à luta por direitos iguais. A partir dos anos 1980, mulheres começaram a se organizar em coletivos e grupos de torcedoras, criando redes de apoio e estratégias para enfrentar o machismo nos estádios. Esses movimentos foram fundamentais para a criação de uma nova cultura nas arquibancadas, baseada na inclusão e no respeito. Segundo Lacerda (2023, 23), os coletivos femininos desempenham um papel essencial na promoção da igualdade de gênero nos estádios, oferecendo suporte às torcedoras e combatendo práticas discriminatórias por meio de campanhas e ações diretas.

4.2 Violência e assédio

Um dos aspectos centrais dessa luta é o combate ao assédio e à violência de gênero nos estádios. Pesquisas recentes revelam que muitas mulheres ainda se sentem inseguras nesses espaços, devido à persistência de comportamentos hostis e práticas machistas. Segundo um estudo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022)³, mais da metade das mulheres que frequentam estádios já sofreram algum tipo de assédio durante os jogos, seja por meio de comentários inapropriados, seja por contato físico não consentido. Esse tipo de violência não apenas desestimula a presença feminina, mas também reforça as desigualdades estruturais que caracterizam o futebol como um espaço excludente. Como observa Santos (2024), o assédio nos estádios não é um fenômeno isolado, mas sim uma expressão das desigualdades de gênero presentes na sociedade brasileira, que se manifestam de maneira especialmente aguda no universo esportivo.

Para enfrentar esses desafios, as torcedoras têm recorrido a diferentes estratégias, incluindo o uso das redes sociais como ferramenta de denúncia e mobilização. Campanhas como #DeixaElaTorcer⁴ têm ganhado destaque, promovendo a conscientização sobre o machismo nos estádios e incentivando a adoção de políticas inclusivas por parte dos clubes e federações. Essas campanhas não apenas ampliam a visibilidade das demandas

³ Futebol e violência contra a mulher. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em jul. 2022

⁴ #DeixaElaTorcer: Movimentos femininos estão presentes nas arquibancadas do Palmeiras. Nosso Palestra. Disponível em 22 jul 2020.

femininas, mas também criam espaços de diálogo e articulação, fortalecendo a luta por igualdade. De Sousa Cruz (2023, 7) destaca que: “É importante mencionar que os movimentos reivindicatórios pelas mulheres torcedoras nas redes sociais viabilizam desconstrução de discurso histórico e cultural que excluem a mulher de vários espaços que compõem o meio futebolístico, dentre eles a arquibancada.”

Além disso, clubes de futebol têm adotado iniciativas para promover a inclusão feminina e garantir a segurança das torcedoras. O Corinthians, por exemplo, lançou a campanha “Respeita as Mina”, que combina ações educativas com a possibilidade de denúncias anônimas de assédio. Já o Grêmio desenvolveu a campanha “Juntos Pelo Respeito”, voltada para a conscientização de torcedores e funcionários sobre a importância do respeito às mulheres nos estádios. Essas iniciativas representam passos importantes, mas ainda insuficientes diante da magnitude do problema.

As autoridades responsáveis pela segurança nos estádios ou qualquer outro local onde são realizados eventos esportivos têm o dever de combater o assédio a fim de garantir um ambiente seguro para todas e todos os torcedores. Isso envolve a implementação de várias medidas preventivas, entre elas: campanhas de conscientização, treinamento para os profissionais de segurança e a aplicação rigorosa de leis contra assédio e violência nos estádios. É importante também que as próprias torcedoras sejam encorajadas a relatar casos de assédio. (SANTOS, 2024, 35)

Outro elemento fundamental nessa luta é o papel da mídia, que tanto pode reforçar estereótipos de gênero quanto contribuir para a transformação cultural. A análise crítica da cobertura esportiva revela que as mulheres ainda são frequentemente representadas de maneira sexualizada ou secundarizadas em relação aos homens, mesmo quando ocupam posições de destaque como atletas ou torcedoras. Essa representação limitada não apenas perpetua o machismo, mas também dificulta a construção de uma narrativa mais inclusiva sobre o papel das mulheres no futebol.

Apesar dos desafios, a presença feminina nas arquibancadas é um fenômeno em ascensão, que reflete as mudanças sociais mais amplas ocorridas no Brasil nas últimas décadas. As mulheres não apenas reivindicam seu direito de torcer, mas também transformam as arquibancadas em espaços de resistência e construção de novas identidades culturais. Essa luta simbólica é parte de um movimento mais amplo por igualdade e inclusão, que transcende o futebol e aponta para uma sociedade mais justa e igualitária.

A ocupação das arquibancadas pelas mulheres representa uma transformação significativa na cultura esportiva brasileira. Ao desafiar as normas estabelecidas e reivindicar

seu espaço, as torcedoras não apenas ampliam as possibilidades de participação feminina no futebol, mas também contribuem para a construção de um esporte mais democrático e representativo. A força feminina nas arquibancadas é uma expressão da luta por igualdade e respeito em um dos espaços mais simbólicos da cultura brasileira. Embora os avanços sejam inegáveis, os desafios permanecem, exigindo um compromisso contínuo de todos os atores envolvidos: torcedoras, clubes, federações, mídia e poder público. Para garantir que os estádios sejam espaços verdadeiramente inclusivos e representativos da diversidade do país.

5. DOCUMENTÁRIO COMO REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL

O documentário desempenha um papel crucial na preservação da memória histórica e na compreensão dos processos culturais que moldam as sociedades. Desde o seu princípio, esse gênero cinematográfico tem sido usado como uma ferramenta para capturar aspectos da realidade e registrar acontecimentos que, de outra forma, poderiam se perder com o tempo. Ao imortalizar eventos, práticas culturais, conflitos e histórias de vida, o cinema documental se consolida como um dos principais veículos de registro histórico e cultural, contribuindo tanto para o estudo do passado quanto para a reflexão sobre o presente.

A sua relevância transcende o mero registro de imagens e se estende ao campo da interpretação crítica, pois os documentários não apenas mostram a realidade, mas também a moldam por meio das escolhas narrativas e estéticas de seus realizadores. A relação entre o cinema documental e a história é intrinsecamente dialógica, pois ambos compartilham o objetivo de preservar e analisar eventos significativos. No entanto, diferentemente dos registros históricos escritos, que são muitas vezes limitados pela linearidade textual, o documentário oferece uma dimensão multimodal que combina imagem, som e narrativa. Essa integração permite não apenas o registro dos fatos, mas também a evocação de emoções, sensações e significados culturais mais profundos.

[os documentários]... alargam seus tons e qualidades expressivas, ao mesmo tempo em que mantém uma referencialidade histórica. Eles dizem respeito ao desafio de dar sentido a eventos históricos através da evocação que eles emprestam a ele. (NICHOLS, 1994, 98)

Nichols observa que o documentário, enquanto forma audiovisual, possui uma capacidade única de capturar o “espírito do tempo”, pois oferece uma janela para as práticas sociais, modos de vida e estruturas de sentimento de uma época. Essa característica torna o documentário uma ferramenta valiosa para os historiadores, que podem utilizá-lo como fonte primária ou como complemento a outros registros históricos.

Entretanto, a noção de objetividade no cinema documental é amplamente debatida, visto que a câmera, ao mesmo tempo em que registra a realidade, também a interpreta. Ao escolher o que filmar, como enquadrar e quais narrativas enfatizar, os cineastas inevitavelmente imprimem suas próprias perspectivas e intenções no produto final. Como destaca Renov (1993, 55), o documentário é, simultaneamente, um espelho e um construtor da realidade. Ele reflete aspectos do mundo, mas também os reorganiza e os reinterpreta

de acordo com as escolhas e valores do realizador. Essa dualidade desafia a noção tradicional de que o documentário é um reflexo neutro da realidade e reforça a ideia de que ele deve ser analisado como uma construção cultural. Além de sua função histórica, o cinema documental desempenha um papel essencial na preservação e transmissão de práticas culturais. Por meio de registros audiovisuais, é possível documentar tradições, costumes e formas de expressão artística que, em muitos casos, estão ameaçadas de desaparecer devido à globalização, à urbanização e a outros processos contemporâneos, conforme apresentado por Rodrigues (2010, 11):

Os filmes tinham um grande leque de temas: a revisão histórica da ditadura em Jango (1984), de Sílvio Tandler; os desafios da transição política em Céu Aberto (1985), de João Batista de Andrade; os novos problemas advindos do inchaço urbano em “Uma avenida chamada Brasil” (1988), de Octávio Bezerra; o movimento sindical operário em “A Greve” (1979), de João Batista de Andrade, em “ABC da Greve” (1980), de Leon Hirszman (1980), e em “Linha de Montagem” (1982), de Renato Tapajós; o movimento comunitário rural em “Terra para Rose” (1987), de Tetê Moraes e “Cabra marcado para morrer” (1984), de Eduardo Coutinho, que enfim retomou seu projeto iniciado em 1964.

Esses documentários exemplificam como o cinema pode preservar elementos culturais, enquanto reflete criticamente sobre as transformações sociais e políticas que o impactam. Esses filmes não apenas registram a cultura brasileira, mas também fornecem uma perspectiva para a análise das complexas interações entre identidade cultural, memória coletiva e poder. Nesse sentido, o documentário pode ser visto como um ato de resistência cultural, especialmente em contextos de opressão e censura. Durante períodos de regimes autoritários, como o da ditadura militar brasileira (1964-1985), o cinema documental emergiu como uma ferramenta poderosa para expor as injustiças sociais e preservar narrativas que eram sistematicamente suprimidas pelo Estado, que também atuaram como um contrapeso à narrativa oficial promovida pelo regime com o passar dos anos.

Um novo fôlego documental ocorreu com a abertura política iniciada no final da década de 70. Percebe-se claramente a permanência de uma forte influência social que marcou a cinematografia brasileira nos anos 60 e 70, porém os documentários aprofundaram-se mais na história política do país. (RODRIGUES, 2010, 11)

Embora a relevância do cinema documental como registro histórico e cultural seja inegável, ele também enfrenta desafios significativos, particularmente no que diz respeito à preservação de seu material. Muitos filmes documentais, especialmente aqueles produzidos em contextos de baixo orçamento ou em condições adversas, estão em risco de deterioração devido à falta de recursos para sua conservação. Isso é especialmente preocupante no caso de documentários que registram culturas ameaçadas ou eventos históricos únicos, cuja perda representaria um golpe irreparável para a memória coletiva.

As reflexões que dizem respeito ao cinema documentário encontram-se em constante debate entre teóricos, críticos e realizadores, tendo em vista que não é um objeto de uma teoria fílmica única, mas que se vai se impondo enquanto gênero ao longo de sua história e tradição. (RODRIGUES, 2010, 18)

Os avanços tecnológicos oferecem novas oportunidades para a produção e a disseminação de documentários. Com o advento de câmeras digitais de alta qualidade e plataformas de distribuição online, como YouTube, Netflix e Vimeo, tornou-se mais acessível para cineastas independentes produzir e compartilhar seus trabalhos. Essa democratização do cinema documental tem ampliado a diversidade de vozes e perspectivas no gênero, permitindo que histórias marginalizadas ou ignoradas pelo *mainstream* sejam contadas e alcancem públicos globais. No entanto, essa maior acessibilidade também levanta questões sobre a saturação do mercado e a necessidade de critérios críticos para avaliar a qualidade e a relevância das produções documentais.

O cinema documental, portanto, é um campo complexo e multifacetado, que combina arte, história e cultura em um formato único. Sua capacidade de registrar eventos, preservar práticas culturais e promover a reflexão crítica o torna uma ferramenta indispensável para compreender o mundo contemporâneo. Como bem resume Nichols (2005 83): "... o documentário não apenas testemunha a realidade, mas também nos convida a questioná-la, a interpretá-la e a reimaginá-la, ampliando nosso entendimento sobre o que significa ser humano".

Esse gênero cinematográfico, ao longo de sua evolução, mostrou-se uma poderosa expressão da diversidade humana e um importante arquivo das experiências coletivas. Em tempos de mudanças rápidas e incertezas globais, o papel do cinema documental como registro histórico e cultural é crucial, pois não apenas preserva o passado, mas também nos ajuda a navegar pelos desafios do presente e a imaginar possibilidades para o futuro.

6. DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DE PRODUÇÃO

Neste capítulo será abordado toda a trajetória de construção do documentário, entre pesquisa e dificuldades do processo.

6.1 Pré-produção

A pesquisa teve início em 2022.2 com a disciplina Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação (TMPC), quando me deparei com a problemática de construção para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Como desde o segundo semestre da graduação já tinha uma temática definida, pois queria falar sobre futebol, decidi então produzir um documentário em que eu pudesse ouvir mulheres que amam futebol, frequentam estádios e vivem a paixão pelo time do coração. A princípio a ideia era de que fosse gravada uma web série, mas pelo fato de estar produzindo um material de forma individual não consegui a tempo de entregar. É importante destacar que, durante o processo de edição, decisões podem ser tomadas que não estavam previstas no roteiro original. Por isso, é essencial manter o roteiro flexível para acomodar eventuais mudanças.

Sendo assim, procurei entrar em contato com três grupos: Tricoloucas, Tricolíderes e Comando Feminino Leão do Sisal. A primeira tentativa foi com a fundadora das Tricoloucas, no dia 01/06/2023, a qual não obtive retorno. No dia 20/06/2023, tentei contato com uma Tricolíder, mas também não teve prosseguimento. Por último, tentei contato com a pessoa fundadora do Comando Feminino a qual também não obtive retorno, mas consegui de forma individual depoimento de integrantes da torcida.

Após concluir a etapa de pesquisa, fiz um levantamento de pessoas que poderiam contribuir com relatos e vivências. Sendo assim, selecionei seis mulheres, entre elas: Florizete, Noemia, Reylla, Thayane, Raiane e Gabriela. Depois de ter entrado em contato com todas elas, comecei a construção do roteiro a o qual seria utilizado no decorrer das entrevistas. O processo de pesquisa e recorte do tema foram de extrema importância para que pudesse ter um norte na elaboração do produto. Foi necessário que eu pensasse sobre a minha inclusão nesse projeto, como objeto de pesquisa.

6.2 Produção

Antes do início da gravação, organizei a equipe e os equipamentos necessários para a realização do projeto. Contei com a colaboração de Daiane Prazeres, que utilizou uma câmera CANON T6, uma lente de 50mm, um tripé e um microfone adicional. Daiane Moreira também contribuiu, utilizando uma câmera CANON T6 com lente de 50 mm, um monopé e um dispositivo celular para captura de áudio. Além disso, Nercles Mota participou com uma câmera CANON T100, lente de 50 mm STN, e um tripé, possibilitando a filmagem de outro.

Considerando que a maioria das entrevistadas não estava acostumada com a presença de câmeras, optei por gravar com apenas um ângulo principal. Essa decisão visou minimizar desconfortos e distrações durante as entrevistas. Para a realização das gravações, solicitei o uso do Estádio Arena Valfredão, que foi cedido para servir como local de gravação. Um dos maiores desafios enfrentados foi a limitação no acesso aos equipamentos, a maioria emprestada pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Como outros estudantes também produziram materiais no mesmo período, houve restrições quanto à disponibilidade. Por esse motivo, foi necessário otimizar o uso dos recursos disponíveis, resultando na gravação de entrevistas consecutivas. Assim, as entrevistas com Florizete Hermogenes e Noemia Menezes ocorreram no mesmo dia, considerando o prazo curto para a devolução dos equipamentos. O mesmo ocorreu com as entrevistas de Thayane Sampaio, Raiane Santana e Reylla Aparecida, realizadas no mesmo dia em que aconteceria uma disputa de campeonato no estádio. Essa organização foi fundamental para garantir a conclusão das gravações dentro do cronograma estipulado.

Com todos os preparativos concluídos, iniciamos a produção do documentário. A primeira etapa ocorreu no dia 30 de julho de 2023, com a gravação da entrevista de Dona Florizete, realizada em sua residência, localizada no povoado das Pedrinhas, no município de Riachão do Jacuípe. A entrevista foi conduzida na área externa da casa, proporcionando um ambiente descontraído e adequado às sessões.

Para viabilizar o projeto, contei com a colaboração das colegas Daiane Moreira, Daiane Prazeres e Maiana Lopes, que integraram uma equipe de produção. Considerando a localização no povoado e o tempo necessário para a execução das atividades, contratamos um veículo para garantir maior comodidade no deslocamento da equipe e dos equipamentos, dado que seria um dia dedicado exclusivamente às gravações.

Durante essa etapa, o processo ocorreu de forma tranquila, sem dificuldades significativas. Dona Florizete demonstrou desenvoltura diante das câmeras, contribuindo para que a entrevista fluísse de maneira natural e sem convites. Após a conclusão da gravação, compartilhamos um momento de lazer, observando uma partida de futebol com a entrevistada, antes de seguirmos para a próxima entrevista, programada para acontecer nas proximidades.



Figura 1: Entrevistas, 2023.

Acervo pessoal: Elisa Santos.

No mesmo dia da gravação com Dona Florizete, realizamos também uma entrevista com Dona Noêmia, que ocorreu na área externa de sua residência. Posteriormente, adentramos o interior da casa para visualizar algumas imagens pessoais que ela tinha guardadas, como as quais enriquecem o contexto da sua história. Durante uma conversa, Noemia apresentou sua vivência no universo do futebol, detalhando como iniciou seu acompanhamento do time Bahia das Pedrinhas e sua participação ativa em todos os jogos.

Esse relato foi crucial para compreender a relação afetiva e de engajamento que ela desenvolveu com o esporte, evidenciando a importância do futebol na construção de suas memórias e identidade. A entrevista de Noemia, assim como a de outros participantes, foi fundamental para a construção narrativa do documentário, proporcionando uma visão autêntica e envolvente sobre a cultura do futebol feminino e a dedicação das torcedoras.



Figura 2: Entrevistas, 2023.

Acervo pessoal: Elisa Santos

A segunda etapa da gravação da série documental foi realizada no dia 15 de novembro de 2023, tendo como cenário o Estádio Arena Valfredão. A primeira entrevista do dia foi conduzida por Reylla Aparecida, que participou de sua paixão pelo futebol e sua dedicação como torcedora do Sport Club Corinthians Paulista. (Inserir foto como referência visual no material final).

Em seguida, foram entrevistadas Taiane e Raiane, torcedoras do Esporte Clube Jacuipense e integrantes da Torcida Organizada Comando Feminino Leão do Sisal. Ambas ofereceram relatos ricos sobre suas experiências como torcedoras e sobre a importância da torcida feminina no contexto esportivo local. Nesta etapa, a coleta de imagens e áudios foi realizada com o suporte dos colegas Daiane Prazeres e Nercles Mota, cujas contribuições foram essenciais para a qualidade técnica das gravações.



Figurinha 3: Entrevistas, 2023.

Acervo pessoal: Elisa Santos.

A terceira etapa das gravações ocorreu no dia 10 de março de 2024, novamente no Estádio Arena Valfredão. Nesta ocasião, a entrevistada foi Gabriela Reis, que especificamente sua trajetória no futebol e a origem de sua paixão e admiração pelo Esporte Clube Vitória. Seu relato contribuiu significativamente para a diversidade de perspectivas exploradas no documentário, ao destacar o papel do clube em sua história pessoal

A captura de imagens e áudios foi realizada com o apoio de Daiane Moreira, cuja participação foi fundamental para a execução técnica da gravação. Utilizamos também o gravador de um smartphone como recurso adicional para a captação de áudio, garantindo a clareza e a qualidade do material produzido.



Figurinha 4: Entrevista, 2024.

Acervo pessoal: Elisa Santos.

5.3 Pós-produção

Durante o desenvolvimento deste documentário, enfrentei diversos desafios, incluindo imprevistos e perdas de materiais essenciais. Um dos maiores contratemplos ocorreu com a entrevista de Mirian Bruna, torcedora do São Paulo Futebol Clube, que infelizmente não foi distribuída para o OneDrive e acabou sendo perdida, inviabilizando sua utilização no documentário. Outro incidente marcante aconteceu no dia seguinte às gravações com Florizete e Noemia, quando retornamos ao Povoado das Pedrinhas para acompanhar uma partida do campeonato local. No trajeto, sofremos um acidente de moto que atrasou significativamente nossa chegada. Apesar das lesões leves, mantivemos o compromisso de registrar as mulheres e crianças presentes no evento, capturando momentos de emoção e torcidas.

O processo de pós-produção revelou-se uma das etapas mais desafiadoras do projeto. Iniciei a decupagem no segundo semestre de 2023, concluindo-a somente no segundo semestre de 2024. Dada a minha falta de experiência com edição de vídeo, procurei apoio na ilha de edição da UNEB. No entanto, enfrentei dificuldades no acesso ao equipamento, mesmo após contato com o responsável. A indisponibilidade de estagiários para operar a ilha agravou ainda mais a situação. Assim, para cumprir os prazos propostos, optei por contratar um editor externo, o que gerou custos adicionais, mas garantiu a finalização do material dentro do tempo necessário.

Outro problema enfrentado foi durante a gravação da entrevista com Maria Gabriella Reis. No mesmo dia, ocorreu um evento na AABB de Riachão do Jacuípe, localizado ao lado do Estádio Arena Valfredão, e o som do evento interferiu significativamente no áudio captado tanto pela câmera quanto pelo gravador de celular. Isso dificultou o processo de limpeza e tratamento do áudio, comprometendo parcialmente sua qualidade. Para a edição, contei com o apoio de Nercles Mota, que utilizou o aplicativo *CapCut* para trabalhar no material. Realizamos duas reuniões iniciais para revisar a decupagem e estruturar o processo de edição. Como o material já foi decupado e organizado, conseguimos concluir a edição em mais duas reuniões, garantindo uma finalização ágil e eficiente da série documental. A música escolhida para o encerramento do documentário e para a exibição dos créditos foi "Jogadeira". Esta composição carrega um forte simbolismo, pois representa o empoderamento de diversas mulheres, tornando-se uma trilha sonora que reforça o tema central do documentário. A canção, ao transmitir energia e força, celebra a trajetória das mulheres envolvidas no futebol e nos inspira a continuar avançando nessa caminhada,

destacando a importância da representatividade feminina no esporte. A escolha dessa música foi, portanto, uma decisão estratégica para fortalecer a mensagem do documentário, promovendo uma conexão emocional com o público ao final da obra.

FICHA TÉCNICA

Ficha técnica	
Edição, Direção de Fotografia, Captação de Áudio e Produção	Nercles Mota, Elisa Santos, Daiane Prazeres, Daiane Moreira
Roteiro, Produção e Direção Geral	Elisa Santos
Trilha musical	
Jogadeira - Cacau feat Gabi Kivitz	
Entrevistados	
Florizete Hermogenes; Maria Gabriela Reis; Reylla Aparecida; Noemia Menezes; Thayane Sampaio. Raiane Santana.	

Orientação:	Profª. Drª. Nisia Rizzo

ORÇAMENTO:

Material	Unidade	Valor Unitário	Quantidade	Total
Viagem de carro para o povoado das Pedrinhas	1	R\$150,00	4	R\$150,00
Viagem de moto para o povoado das Pedrinhas	1	R\$30,00	2	R\$30,00
Passagens (Riachão do Jacuípe-Conceição do Coité)	4	R\$15,00	1	R\$60,00

Água, refrigerante e picolé	6	R\$35,00	6	R\$35,00
Edição de vídeo e teaser	2	R\$200,00	2	R\$200 00

CRONOGRAMA

2023 a 2024	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.	ago.	set.	out.	nov.	dez.
Revisão do Projeto de Pesquisa	x	x										
Leituras	x	x	x	x	x	x	x					
Pré-produção	x	x										
Produção				x			x				x	
Pós-produção						x	x	x	x	x	x	x
Estrutura do memorial								x	x	x	x	x

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “Além do campo: mulheres nas arquibancadas” mergulha na história de diversas mulheres que possuem diferentes idade, aprofundando de forma leve as suas relações com o futebol, as arquibancadas e seus times do coração. Este trabalho foi conduzido e inspirado pelo meu grande amor pelo futebol, pelo Esporte Clube Bahia e pelas experiências que conquistei neste espaço onde a masculinidade é tão predominante. Mais do que trazer relatos, o objetivo deste documentário é ouvir mulheres com o olhar sobre suas perspectivas, obstáculos e paixões, celebrando a presença em um ambiente que muitas vezes as inviabiliza.

O processo deste documentário permite análises e reflexões sobre essas vivências, trazendo como destaque a importância das torcidas femininas para a sociedade como um todo. Durante essa atividade, foi possível analisar e discutir questões centrais para maior entendimento sobre o assunto e o incentivo à produção documental a respeito do tema.

Para além disso, os desafios encontrados ao longo da pesquisa documental permitiram o fortalecimento da construção e do conhecimento acerca da questão de gênero e trouxeram novos olhares de compressão sobre o tema. Este produto reforça a importância de continuar debatendo e persistindo na temática abordada, considerando sua dinâmica em constante evolução.

Por fim, que este documentário inspire ainda mais diálogos e reflexões sobre igualdade, representatividade e força do feminino no futebol, contribuindo também para que se reforce o papel transformador da representatividade feminina nas arquibancadas dos estádios de futebol.

REFERÊNCIAS

#DeixaElaTorcer: Movimentos femininos estão presentes nas arquibancadas do Palmeiras. Nosso Palestra. 22 jul 2020. Disponível em: <https://nossopalestra.com.br/noticias/deixaelatorcer-movimentos-femininos-estao-presentes-nas-arquibancadas-do-palmeiras/> Acesso em: 03 dez 2024

Após eliminação na Copa, jogadoras do Brasil esperam mais investimentos no futebol feminino. UOL. 23 jun 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2019/06/23/apos-eliminacao-na-copa-jogadoras-do-brasil-esperam-mais-investimentos-no-futebol-feminino.htm> Acesso em: 20 jun. 2023.

ALMEIDA, Nathália. **Dulce Rosalina, a pioneira torcedora que transformou em 'marco' o seu amor pelo Vasco da Gama.** 90 min. 8 mar. 2023 Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/dulce-rosalina-a-pioneira-torcedora-que-transformou-em-marco-o-seu-amor-pelo-vasco-da-gama> Acesso em: 21 abr. 2023

BARBERO, Jesus Martín. **Globalização comunicacional e transformação cultural.** In: MORAES, Dênis de. (org) Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Roberta. **Dibradoras.** Disponível em: <https://dibradoras.com.br/> Acesso em: 12 jun. 2023.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes; ANDRADE, Marianna; JUNIOR, Roberto Souza. **Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências.** FuLiA/UFMG, v. 7, n. 1, p. 52-81, 2022.

Charanga Rubro Negra Que Fim Levou. Terceiro Tempo. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/charanga-rubro-negra-1440> Acesso em: 12 jun. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Livro de regras do futebol 2019/20.** Disponível em: <https://portaldegovernanca.cbf.com.br/regras-do-jogo>. Acesso em: 20 set. 2023.

Conheça a história da Flu Mulher, a primeira torcida organizada oficial feminina do Brasil. Explosão Tricolor. 8 mar. 2017 Disponível em: <https://explosaotricolor.com.br/conheca-historia-da-flu-mulher-primeira-torcida-organizada-oficial-feminina-do-brasil/> Acesso em: 5 jan. 2023.

CRUZ, Beatriz. **Conforto e empoderamento: a luta contra a sexualização no esporte.** Mídia Ninja. 4 ago. 2021. Disponível em: <https://midianinja.org/opiniao/conforto-e-empoderamento-a-luta-contra-a-sexualizacao-no-esporte/> Acesso em: 20 mar. 2023.

DAMO, Arlei Sander. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, p. 139-150, 2008.

DAMO, Arlei S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Editora da Universidade/IFCH, 2002.

DA SILVA BRITO, João Gabriel; MACIEL, Betania. **Folkcomunicação, mídia e futebol: análise dos torcedores símbolos do Santa Cruz como expressão cultural e popular**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 13, n. 28, p. 50-65, 2015.

DE CARVALHO TEIXEIRA, Leonardo Antônio. **Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)**.

DOS SANTOS CANALE, Vitor. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**= Torcidas organizadas and their young supporters: diversities and normatives of supporting. 2012. Tese de Doutorado. [sn].

DUNNING, Eric. **Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations**. Theory, culture & society, v. 3, n. 1, p. 79-90, 1986. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0263276486003001007> Acesso em: 10 dez. 2023

Estudo revela que 52% das jogadoras de futebol já sofreram assédio. ALMA PRETA. 20 mar. 2024
Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/estudo-revela-que-52-das-jogadoras-de-futebol-ja-sofreram-assedio/> . Acesso em: 10 nov 2024.

Folha de São Paulo. São Paulo, 04 de fevereiro de 1965 Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=&periododesc=04%2F02%2F1965&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=04&month=02&year=1965&jornais=>. Acesso em: 12 out. 2023.

Futebol e violência contra a mulher. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. jul. 2022 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/futebol-violencia-mulher.pdf> Acesso em: 20 jan. 2024.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25 n. 50, jul./dez. 2005. Acesso em: 15 jan 2022.

GIULIANOTTI, Richard. **FANÁTICOS, SEGUIDORES, FÃS E FLANEURS: UMA TAXONOMIA DE IDENTIDADES DO TORCEDOR NO FUTEBOL**. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Revista brasileira de educação física e esporte, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GONÇALVES, Gabriel Henrique Treter et al. **Conteúdos pedagógicos nas competições infantojuvenis de futebol e futsal: um estudo comparativo.** Motrivivência, v. 32, n. 63, 2020.

HARDY, Elizabeth. **The female 'apologetic' behaviour within Canadian women's rugby: Athlete perceptions and media influences.** In: Gender, Media, Sport. Routledge, 2017. p. 35-47.

Ideologia. Gaviões da Fiel. Disponível em: <https://gavioes.com.br/ideologia.php#%3A~%3Atext%3DNosso%20lema%3A%20Lealdade%2C%20Humildade%20e%20Procedimento%26text%3D%E2%80%9CDia%201%C2%BA%20de%20julho%20de%2CI%C3%A1%20pelos%20anos%20de%201965> Acesso em: 12 jun. 2023.

JACKSON, Jotta. **Flamengo: primeira torcida organizada do Brasil, Charanga Rubro-negra nasce há 80 anos.** 2022. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2022/10/flamengo-torcida-organizada-charanga-rubro-negra> Acesso em: 12 jun. 2023

KNIJNIK, Jorge D.; VASCONCELLOS, Esdras G. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil.** In: COZAC, João Ricardo(ed.). Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003. p. 123-142

LACERDA, Maria Eduarda Bezerra. **Sexismo em campo e nas arquibancadas: vivência de atletas e torcedores da Paraíba.** 2023.

MENDONÇA, Renata. **Em ano de Copa, futebol feminino é 'redescoberto' em homenagens atrasadas.** BBC NEWS BRASIL. maio 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/05/150519_futebol_feminino_museu Acesso em: 05 jan.2024

MIRAGAYA, Ana. **A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão.** DA COSTA, LP; TURINI, M. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho, v. 1, 2002.

NICHOLS, Bill. **Blurred boundaries: Questions of meaning in contemporary culture.** Indiana University Press, 1994.

Nossa História. Torcida Jovem. Disponível em: <https://torcidajovem.com.br/torcida-jovem/> Acesso em: 14 jun. 2023.

Olimpíada de Tóquio 2021: como o sexismo se reflete no controle dos uniformes das atletas. BBC NEWS. 27 jul. 2021 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978154> Acesso em: 16 jul. 2023

PAIM, María Cristina Chimelo. **Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte.** Lecturas: Educación física y deportes, n. 75, p. 25, 2004.

PELEJA, Relembra a história de Dulce Rosalina, a primeira mulher a presidir uma torcida organizada no Brasil. 29 mar. 2023. Net Vasco. Disponível em: <https://www.netvasco.com.br/n/310484/relembra-a-historia-de-dulce-rosalina-a-primeira->

[mulher-a-presidir-uma-torcida-organizada-no-brasil](#) Acesso em: 12 jul. 2023.

PEREIRA, Camila Augusta Alves. **Final da Copa do Mundo de futebol de 1970: rádio, propaganda e identidade nacional.** INTERCOM–SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, XXXV, 2012.

PIMENTA, C. A. M. (2000). **Violência entre torcidas organizadas de futebol.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2.

Pink se oferece para pagar multa imposta à seleção de handebol da Noruega por recusa ao uso de uniforme sexista. Monet. 26 Jul. 2021 Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2021/07/pink-se-oferece-para-pagar-multa-imposta-selecao-de-handebol-da-noruega-por-recusa-ao-uso-de-uniforme-sexista.html> Acesso em: 16 jun. 2023

RIGO, L. et al. **Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame.** Movimento, Porto Alegre, v. 11, n.2, maio/ago. 2005.

RIGO, L. et al. **Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.** Revista Brasileira Ciência do Esporte, v. 29, n. 3, maio 2008.

SANTANA, Gabriel. **Santos FC lamenta o falecimento de Cosmo Damião, fundador da Torcida Jovem.** 9 set. 2023. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/santos-fc-lamenta-o-falecimento-de-cosmo-damiao-fundador-da-torcida-jovem/> Acesso em: 10 jan. 2024.

SANTOS, Maria Aparecida Souza. **Manifestações práticas e simbólicas no futebol de mulheres brasileiras: percepções sobre o machismo no time goiano aliança futebol clube.** 2024.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres.** In: BURKE, Peter (org.) A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1992. p. 63-96

SGORLA, Fabiane. **A "visibilidade midiática" - da "sociedade midiática" à "sociedade midiaticizada".** Revista Tecer, Belo Horizonte, vol. 3, nº 4, maio 2010.

SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes: mitos e verdades.** São Paulo: Harper e Row, 1977.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Cadernos Cedes, v. 19, p. 52-68, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WmskFBM75bMM855MZYhYvgb/> Acesso em: 01 jan. 2024.

SOUZA, Marinês Matter de et al. **Mulheres no futsal: motivos que levam à prática.** Kinesis. Santa Maria. Vol. 35, n. 3 (set./dez. 2017), p. 101-108., 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas, Autores Associados/Anpocs, 1996a (Coleção Educação Física e Esportes)

WACHELKE, João FR et al. **Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n. 1, p. 96-111, 2008.

WUGHALTER, Emily. **Ruffles and flounces: The apologetic in women's sports.** Frontiers: A Journal of Women Studies, p. 11-13, 1978.

APÊNDICES – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perguntas para as torcedoras Florizete Hermogenes e Noemia Menezes

1. Há quanto tempo frequenta estádios e participa das arquibancadas?
2. Como era a sua experiência como mulher nas arquibancadas quando começou a frequentar? Houve alguma resistência ou preconceito?
3. Quais as memórias mais marcantes que você tem das suas experiências?
4. Você vê diferença entre as experiências das mulheres nas arquibancadas de hoje em comparação com quando você começou a frequentar? Se sim, quais são essas diferenças?
5. Que mensagem você gostaria de transmitir para as crianças e mulheres mais jovens que estão interessadas em se envolver nas torcidas organizadas ou frequentar estádios?

Perguntas para a Thayane Sampaio e Raiane Santana (Torcida Organizada Comando Feminino Leão do Sisal)

1. Há quanto tempo você faz parte da torcida organizada, o que a motivou a se envolver, e como surgiu a Comando Feminino Leão do Sisal?
2. Como é a sua experiência como mulher na torcida organizada? Você enfrenta algum tipo de desafio ou preconceito por ser mulher?
3. Qual é o papel das mulheres na torcida organizada? Como vocês contribuem para a energia e a paixão nos estádios?
4. Você já presenciou ou enfrentou alguma forma de sexismo ou discriminação dentro da torcida organizada? Como você lida com essas situações?
5. Como a torcida organizada impactou sua vida e identidade como mulher? De que forma isso influenciou seu empoderamento pessoal?
6. Que mudanças você tem observado ao longo do tempo em relação à presença e ao reconhecimento das mulheres nas torcidas organizadas?
7. Como vocês trabalham em conjunto para criar um ambiente inclusivo e respeitoso na torcida organizada?
8. Quais são as principais conquistas das mulheres na torcida organizada? Existe algo específico que vocês se orgulham de ter alcançado?

9. Como você acredita que a participação das mulheres nas torcidas organizadas pode contribuir para a luta pela igualdade de gênero no esporte e na sociedade?

10. Que conselho você daria para outras mulheres que têm interesse em se envolver na torcida organizada?

Pergunta para as torcedoras Reylla Aparecida e Gabriella Reis

1. Como você se tornou uma torcedora de futebol? Qual foi o momento ou evento que despertou sua paixão pelo esporte?

2. Como é a experiência como mulher na arquibancada? Quais os desafios que você enfrenta ou enfrentou?

3. Você já enfrentou alguma forma de sexismo ou discriminação por ser mulher nas arquibancadas? Como você lidou com essas situações?

4. Como é a sua experiência como mulher nas arquibancadas? Quais são os desafios que você enfrenta ou enfrentou? E como você os superou?

5. Como o futebol e as arquibancadas influenciam sua identidade como mulher? Qual é a importância disso para você?

6. Você já enfrentou estereótipos de gênero ou discriminação por ser uma mulher torcedora? Como você lida com isso?

7. Como você descreveria a atmosfera e a energia das arquibancadas durante os jogos? O que te motiva a participar e torcer pelo seu time?

8. Quais são as principais diferenças que você observa na forma como homens e mulheres torcem? Há algo único na perspectiva feminina?

9. Como o futebol e as arquibancadas afetaram suas relações familiares ou de amizade? Você compartilha essa paixão com outras mulheres de sua família ou círculo social?

10. Você já se envolveu em projetos ou iniciativas relacionadas ao futebol fora das arquibancadas? Como você usa sua paixão pelo esporte para causar impacto positivo?

11. Como você vê o papel das mulheres nas arquibancadas evoluindo ao longo dos anos? Você acha que houve mudanças significativas?

12. Que mensagem você gostaria de transmitir para outras mulheres que estão pensando em se envolver mais nas arquibancadas ou no futebol em geral?

Decupagem

Gênero: Documentário Participativo

Duração: 30 minutos

Título: Além do campo: mulheres nas arquibancadas

Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_0594 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
05"	0:11"	- Qual foi a melhor época que a senhora viveu? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete conta que naquela época tinham muitas torcedores mesmo o time estando em momento ruim, e que eles iam para o campo para gritar, bater palmas. Conta também, que o melhor jogo para ela foi Bahia das Pedrinhas x Barreiros de Riachão.
25"	2'45"	- Como era a sua rotina para acompanhar os jogos do Bahia? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete narra que naquela época era muito difícil, e que mantinha a rotina com seus filhos. Ficava no pé da mesa juntamente com eles ouvindo jogo do Bahia pelo rádio
4'13"	4'37"		
5'48"	6'10"	- Desde quando a senhora torce para o Bahia? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete relata sobre como é ser torcedor e todas as dificuldades, ansiedades e choros. Conta também que seus pais eram Bahia, e que ela é Bahia desde o ventre da sua mãe.
6'21"	6'54"		
Take: Cam Dai P MVI_606		Descrição: Dona Florizete faz o sinal da cruz pedindo proteção para o seu time.	
Take: Cam Dai P MVI_609		Descrição: Dona Florizete demonstra nervosismo enquanto assiste o jogo.	
6'59"	7'31"	- Como a senhora vê as torcidas hoje em dia no estádio? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete conta que hoje em dia as pessoas querem ganhar e brigar com todo mundo, e quer desfazer do outro.
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete – "MVI_0595" CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
35"	1'19"	- Quando começou esse movimento de vocês mulheres irem ao campo? Áudio Z0000113.MP3	Dona Florizete conta que quando começou a ir ao campo ia de forma escondida do seu pai, e cansou de sair escondido. Conta também o machista que sofreu do seu pai e sogro.
1'21"	1'59"		
2'03"	2'38"		
2'52"	3'33"	- Como os homens reagiam com a presença feminina no mesmo espaço? Áudio Z0000113.MP3	Dona Florizete relata que na comunidade os homens respeitavam as mulheres e o fato delas estarem no mesmo ambiente. A partir da minutagem 3'40", ela relata um jogo do Bahia e conta sobre Beijoca, um ex- jogador do clube.
3'40"	4'51"		
5'00"	5'24"		
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete – "MVI_0596" CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

0" 22"	13" 40"	- Dona Florizete relata sobre um acontecimento em um jogo do Bahia com o Jogador Beijoca. (inserir entrevista do próprio jogador) Áudio Z0000114.MP3	https://www.youtube.com/watch?v=zKty-TqwLHE
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_0597 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
38' 56' 1'08"	51' 1'03" 1'22"	- A senhora tinha alguma superstição quando o Bahia das Pedrinhas ia jogar? Áudio Z0000115.MP3	Dona Florizete conta que cansava de cortar papel azul, vermelho e branco, e quando os times chegavam para jogar, os jogadores achavam que era feitiço.
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_0599 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
44'	58'	- A senhora acha que o futebol mudou para as mulheres? Áudio Z0000117.MP3	Dona Florizete relata sobre a evolução do futebol e de que as mulheres não podiam jogar.
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_0600 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
43"	58'	- Qual a mensagem que a senhora deixa para a geração de mulheres de hoje em dia? Áudio Z0000118.MP3	Dona Florizete pede para que as mulheres joguem futebol.
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_9209 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
5' 33' 54'	11' 48' 2'51"	- Qual foi a melhor época que a senhora viveu? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete conta que naquela época tinham muitas torcedores mesmo o time estando em momento ruim, e que eles iam para o campo para gritar, bater palmas. Conta também, que o melhor jogo para ela foi Bahia das Pedrinhas x Barreiros de Riachão.
2'56" 4'22"	3'47" 4'45"	- Como era a sua rotina para acompanhar os jogos do Bahia? Áudio Z0000112.MP3	Dona Florizete narra que naquela época era muito difícil, e que mantinha a rotina com seus filhos. Ficava no pé da mesa juntamente com eles ouvindo jogo do Bahia pelo rádio
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_9211 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

0"	32"	- Quando começou esse movimento de vocês mulheres irem ao campo?	Dona Florizete conta que quando começou a ir ao campo ia de forma escondida do seu pai, e cansou de sair escondido. Conta também o machista que sofreu do seu pai e sogro.
36"	1'22"	Áudio Z0000113.MP3	
1'29"	1'54"		
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete – "MVI_9212" CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
2"	38"	- Como os homens reagiam com a presença feminina no mesmo espaço?	Dona Florizete relata que na comunidade os homens respeitavam as mulheres e o fato delas estarem no mesmo ambiente. A partir da minutagem 3'40", ela relata um jogo do Bahia e conta sobre Beijoca, um ex-jogador do clube.
50"	1'38"	Áudio Z0000113.MP3	
1'42" 2'10"	2'03" 2'17"		
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_9213 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
37"	1"01"	- A senhora tinha alguma superstição quando o Bahia das Pedrinhas ia jogar?	Dona Florizete conta que cansava de cortar papel azul, vermelho e branco, e quando os times chegavam para jogar, os jogadores achavam que era feitiço.
		Áudio Z0000115.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Florizete MVI_9216 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
06"	26"	- A senhora acha que o futebol para mulheres mudou?	Dona Florizete relata sobre a evolução do futebol e de que as mulheres não podiam jogar.
35"	42"	Áudio Z0000117.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0613 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
45"	2'02"	- Como surgiu o Bahia das Pedrinhas e quando a senhora começou a acompanhar?	Dona Noemia relata sobre o surgimento do clube e de como reagiam seus pais e sobre o preconceito.
		Áudio Z000019.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0614 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
03'	20"	- Quando a senhora começou a se envolver com o time?	Dona Noemia conta quando começou a se envolver mais com o time e quais papéis desempenha pelo clube.
		Áudio Z0000120.MP3	
Take: MVI_92 48 0" 6"		Descrição: Dona Noemia auxilia o jogador que havia acabado de se machucar em campo	

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0615 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

09"	24"	- Quanto tempo a senhora participa nas arquibancadas?	Dona Noemia conta que tem na faixa de uns quarenta anos que ela frequenta.
28"	45"	Áudio Z0000121.MP3	

Take: MVI_92 52 02" 12 "	Descrição: Dona Noemia chama a atenção dos jogadores na beira do campo.		
-------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	--	--

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0616 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

16"	44"	- Quando a senhora começou a frequentar os campos existia algum preconceito ou resistência por parte dos homens?	Dona Noemia conta o machismo que sofre por parte do seu ex marido e do seu pai.
		Áudio Z0000122.MP3	

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0617 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

10"	1'16"	- Quais experiências mais marcaram essa sua trajetória?	Dona Noemia cita que o momento que mais marcou foi a conquista da Copa do Interior.
		Áudio Z0000123.MP3	

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0621 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

31"	1'13"	- Como vocês se juntaram para iniciar a torcida organizada?	Dona Noemia conta sobre quem deu o ponta pé inicial da torcida organizada.
1'44"	2'05"	Áudio Z0000127.MP3	

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0622 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

06"	1'19"	- Qual sua história com o Bahia das Pedrinhas?	Dona Noemia conta sobre sua história de amor pelo time e quando ele surgiu.
		Áudio Z0000127.MP3	

Take: MVI_92 27 08'' 16''		Descrição: Dona Noemia mostra as camisas e os quadros com as conquistas do time	
Take: MVI_92 28 07'' 14''			
Take: MVI_92 30 00'' 05''			
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_0619 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

14''	48''	- Qual recado a senhora deixa para as mulheres da nova geração?	Dona Noemia aconselha as mulheres irem por amor.
		Áudio Z0000125.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9218 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
12''	1'26	- Como surgiu o Bahia das Pedrinhas e quando a senhora começou a acompanhar?	Dona Noemia relata sobre o surgimento do clube e de como reagiam seus pais e sobre o preconceito.
		Áudio Z0000119.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9218 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
01''	15''	- Quando a senhora começou a se envolver com o time?	Dona Noemia conta quando começou a se envolver mais com o time e quais papeis desempenha pelo clube.
		Áudio Z0000120.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9220 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
7''	23''	- Quanto tempo a senhora participa nas arquibancadas?	Dona Noemia conta que tem na faixa de uns quarenta anos que ela frequenta.
27''	44''		
		Áudio Z0000121.MP3	
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9221 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

08"	36"	- Quando a senhora começou a frequentar os campos existia algum preconceito ou resistência por parte dos homens? Áudio Z0000122.MP3	Dona Noemia conta o machismo que sofre por parte do seu ex marido e do seu pai.
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9222 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
12"	1"13	- Quais experiências mais marcaram essa sua trajetória? Áudio Z0000123.MP3	Dona Noemia cita que o momento que mais marcou foi a conquista da Copa do Interior.
Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9224 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
01"	33"	- O que a senhora acha sobre o comportamento das torcidas e quais conselhos a senhora daria para essas pessoas? Áudio Z000012.MP3	Dona Noemia pede para que as pessoas vão ao estádio com amor e carinho, sem procurar confusão.

Tempo		Nome do Arquivo: Noemia MVI_9225 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
06" 32" 1'04"	25" 41" 1'17"	- Como surgiu o Bahia das Pedrinhas e quando a senhora começou a acompanhar? Áudio Z0000119.MP3	Dona Noemia relata sobre o surgimento do clube e de como reagiam seus pais e sobre o preconceito.
Tempo		Nome do Arquivo: Reyla MVI_0691 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
1'26"	1'52"	- Como você começou a torcer pelo seu time e quando esse sentimento despertou?	Reyla conta que desde que se entende como pessoa que é torcedora e que foi influenciada pela família, e que não lembra quando começou essa paixão e que ela esteve sempre no sangue.
Tempo		Nome do Arquivo: Reyla MVI_0692 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
54"	1'12"	- Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher e gostar de futebol?	Reyla conta que sim, e que acontece muito em discussões com homens, mas que isso nunca foi algo que a afetou
Tempo		Nome do Arquivo: Reyla MVI_0693 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio

22"	33"	- Como você descreve a emoção de estar na arquibancada?	Reyla conta que a sensação é de euforia e única estar presenciando seu time em campo.
47"	1'01"	- Qual conselho vocês deixam para quem quer estar nas arquibancadas?	Reyla diz para as mulheres irem em frente e ocuparem os espaços.
Tempo		Nome do Arquivo: Reyla MVI_0694 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
11"	16"	- Acrescentar o vídeo juntamente com o vídeo MVI_0694	Reyla diz para as mulheres irem em frente e ocuparem os espaços.
25"	28"		
Tempo		Nome do Arquivo: Taiane MVI_0696 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
40"	1'14"	- Como surgiu o Comando Feminino Leão do Sisal e a quanto tempo você faz parte dela?	Taiane conta que entrou para a torcida organizada pro conta do namorado e está até hoje, pelo fato de ser apaixonada.
1'52"	2'19"	- Como é sua experiência na torcida organizada? Já sofreu algum preconceito?	Diretamente não, mas algumas vezes já sofreu de determinadas pessoas.
3'13"	3'40"	- Ambas falam sobre o preconceito.	Ambas relatam sobre alguns homens ainda terem receio da presença delas, mas que por outro lado alguns homens abraçam e deixam bem a vontade do espaço.
Tempo		Nome do Arquivo: Raiane MVI_0696 CAM Dai P	

In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
1'15"	2'19"	- A quanto tempo você faz parte do Comando Feminino Leão do Sisal?	Raiane conta que faz parte da torcida há dois anos através de Taiane e que gostou da experiência e que esta até hoje.
3'13"	3'40"	- Continuação da fala	Ambas relatam sobre alguns homens ainda terem receio da presença delas, mas que por outro lado alguns homens abraçam e deixam bem a vontade do espaço.
Tempo		Nome do Arquivo: Taiane MVI_0697 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
40"	1'15"	- Qual a função que vocês desempenham na organizada?	Taiane conta que quando tem alguma ação que elas ficam a frente de algumas funções, mas que tem a direção para desenvolvimento de tarefas.
4'38"	5'02"	- Como a torcida organizada feminina impactou na sua vida pessoal e identidade?	Taiane conta que é um lugar de resistência por estar em um lugar masculinizado.
5'12"	5'41"		
8'11"	9'02"	- Quais mudanças vocês vêm observando após a presença de vocês nas arquibancadas?	Taiane conta ações que já fizeram e ainda farão na cidade.

Tempo		Nome do Arquivo: Raiane MVI_0697 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
2'21"	3'22"	- Como a torcida organizada feminina impactou na sua vida pessoal e identidade?	Raiane conta que é bom ter um lugar para ocupar em um espaço masculino e poder ter voz. Raiane conta que sempre debateu com as pessoas e sempre brigava com os meninos.
3'57"	4'21"		
7'20"	8'10"		
Tempo		Nome do Arquivo: Taiane MVI_0698 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
2'12"	2'41"	- Quais as principais conquistas que vocês tiveram ao longo dessa trajetória?	Taiane fala sobre a conquista do espaço para estar em caravanas que antes era composta somente por homens.
3'56"	4'17"	- Qual conselho vocês deixam para quem quer entrar na torcida organizada?	Taiane fala sobre ocupar o espaço nesse lugar.
4'24"	4'45"		
Tempo		Nome do Arquivo: Raiane MVI_0698 CAM Dai P	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
1'20"	1'48"	- Quais as principais conquistas que vocês tiveram ao longo dessa trajetória?	Raiane conta que a maior conquista delas foi a diretoria feminina, e que tem uma voz ativa.
3'13"	3'51"	- Qual conselho vocês deixam para quem quer entrar na torcida organizada?	Raiane conta que gosta de futebol desde criança e nunca se importou com

4'46"	4'57"		comentários sobre, e incentiva mulheres a ocupar esse lugar.
Tempo		Nome do Arquivo: Gabriela MVI_2687 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
22'	2'30"	- Como você começou a torcer pelo seu time e quando esse sentimento despertou?	Gabriela fala que começou a torcer para o time após assistir um jogo de BaVi.
Tempo		Nome do Arquivo: Gabriela MVI_2689 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
01"	2'48"	- Como você descobriu sua paixão pelo futebol?	Gabriela conta que o sentimento pelo futebol aconteceu de forma gradativa e se intensificou ao ponto dela abraçar como profissão, e conta também sobre sua primeira oportunidade na área.
Tempo		Nome do Arquivo: Gabriela MVI_2691 CAM Dai M	
In	Out	Tópicos/Vídeo	Áudio
07"	1'40"	- Que mensagem você gostaria de deixar para mulheres apaixonadas por futebol?	Gabriela fala sobre o termo resistência e a importância de mulheres que lutaram ao longo de todos os anos.

ANEXOS

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO, REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Thayane Vieira Sampaio, inscrita no CPF sob nº 087.676.785-48, e RG sob n 1611210046, residente _____ e _____ domiciliado(a) na Rua Floriano Peixoto, n 205, Jatobá, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluno do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sediado no Campus XIV- Conceição do Coité, Bahia**, de forma irrevogável e irretroatável, o **Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Uso da minha Imagem e Voz** em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.

Riachão do Jacuípe, 15 de novembro de 2023



Assinatura

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO,
REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ**

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Maria Gabriella da Silva Reis, inscrito(a) no CPF sob nº 084.219.965-92 e RG sob nº 13.665.468-92 residente e domiciliado(a) na Rua Rui Barbosa, 108, Caixa D'água, Riachão do Jacuípe, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluno Elisamara da Silva Santos, do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sediado no Campus XIV- Conceição do Colô, Bahia, de forma irrevogável e irretroatável, o Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Uso da minha Imagem e Voz em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.**

Riachão do Jacuípe, 11 de Março de 20 24

Documento assinado digitalmente
MARIA GABRIELLA DA SILVA REIS
Data: 31/03/2024 15:50:29-3306
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO,
REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ**

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Raiane Santana dos Santos, inscrita no CPF sob nº 086.096.125-70, e RG sob n. _____, residente _____ e domiciliado(a) no Loteamento Maria Luiza, SN, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluno do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sediado no Campus XIV- Conceição do Coité, Bahia**, de forma irrevogável e irretroatável, o **Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Uso da minha Imagem e Voz** em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.

Riachão do Jacuípe, 15 de novembro de 2023



Assinatura

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO,
REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ**

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Florizete Hermogenes de Oliveira Carneiro, inscrita no CPF sob nº _____, e RG sob n. _____, residente _____ e domiciliado(a) no Povoado das Pedrinhas, SN, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluno do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sediado no Campus XIV- Conceição do Coité, Bahia**, de forma irrevogável e irretroatável, o **Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Uso da minha Imagem e Voz** em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.

Riachão do Jacuípe, 30 de setembro de 2023



Assinatura

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO,
REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ**

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Ruza Aparecida de O. Lormeiro, inscrito(a) no CPF sob nº 000.000.000-00 e RG sob nº 000.000.000-00 residente e domiciliado(a) na Rua Manoel de Aguiar, nº 100, Riachão do Jacuípe, BA, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluno do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), sediado no Campus XIV- Concelção do Coité, Bahia, de forma irrevogável e irretroatável, o Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Uso da minha Imagem e Voz em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.**

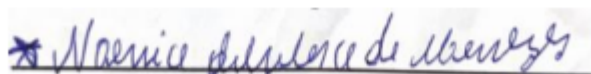
Riachão do Jacuípe, ____ de _____ de 20__

Ruza Aparecida de O. Lormeiro
Assinatura

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO, TRANSMISSÃO,
REPRODUÇÃO E USO DA IMAGEM E VOZ**

Através da presente declaração de CESSÃO DE DIREITO AO REGISTRO E USO DA IMAGEM E VOZ, eu Noemia Oliveira Menezes, inscrito(a) no CPF sob nº _____ e RG sob nº 0644920602 _____ residente e domiciliado(a) na Povoado das Pedrinhas, **cedo para fins de uso na avaliação da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pelo aluna Elisamara da Silva Santos, do curso de Rádio e TV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sediado no Campus XIV- Concelção do Coltê, Bahia**, de forma irrevogável e irretroatável, o **Direito ao Registro, Transmissão, Reprodução e Usoda minha Imagem e Voz** em mídia audiovisual, a ser oferecido à distância, via Internet, computador, televisão ou qualquer outro meio de comunicação existente sem qualquer limitação de número de transmissões.

Riachão do Jacuípe, 30 de setembro, 2024



Assinatura